

# O VENDEDOR DE CADEIRAS

e outros poemas



**Pedro Du Bois**

Pedro, através dos poemas, procura traduzir mudanças e reflexões sobre a realidade.

Realinha a linguagem, tecendo relações na difícil arte de viver, com textos pungentes, mas, verdadeiros. *O Vendedor de Cadeiras* é o seu 97º livro, contendo seis séries e alguns poemas avulsos em que a sua visão crítica reflete as diferentes formas e sentidos através da poética com que define, em essência, a sua criação literária.

Tânia Du Bois  
Cronista

# O VENDEDOR DE CADEIRAS

## e OUTROS POEMAS

Pedro Du Bois

1ª edição  
Agosto 2019



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

1ª Edição. Agosto, 2019

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa, ilustrações e diagramação: Tânia Du Bois

Foto da capa: Paulo Cristovão Araújo Silva

Artes:

O vendedor de cadeiras: Arte / Pedro Du Bois/2018

A Revelação como Máscara: Foto / Tânia Du Bois / 2016

Tubo dentifrício: Arte Pedro Du Bois / 2017

Leviana história de um senhor urbano: Arte/ Ester M. Silveira Basso /Série Gare

Calçada / 2007/ Projeto Passo fundo

A totalidade da hora: Arte/Mapa de Letras/ Liane Maran/2007/ Muro Brahma / Projeto Passo Fundo

Silenciar: Arte/ Foto / Júlia Du Bois /2015

Outros poemas: Foto de Luísa/ Júlia Du Bois /2015

D815v Du Bois, Pedro

O vendedor de cadeiras e outros poemas [recurso eletrônico] / Pedro Du Bois. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

7,8 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-409-5

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

*“Como o processo evolucionário  
dos organismos selecionados é contínuo,  
o participante, dotado de sensores,  
pode criar suas próprias instalações  
de seres siliconados”.*

*(Márcio Almeida, In sílico, Vesânia)*

## Sumário

O Vendedor de Cadeiras 5

A revelação como Máscara 39

Tubo Dentífrico 77

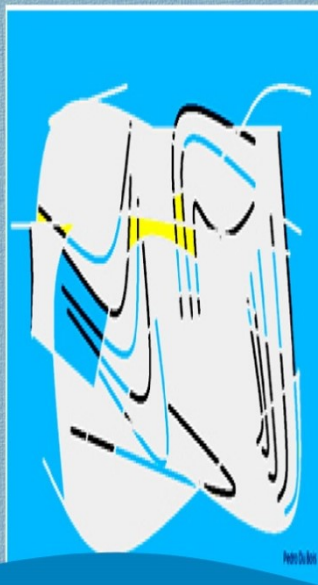
Leviana História de um Senhor Urbano 97

A Totalidade da Hora 127

Silenciar 159

Outros Poemas 191

# o vendedor de cadeiras



*(Arte Pedro / 2017)*





Sento e espero  
pacientemente  
que apareça  
o comprador.

Vendo cadeiras  
e na rua  
completo o ciclo  
das esperas.

Carrego quatro cadeiras  
duas em cada abraço

às vezes vendo  
as quatro

outras vezes  
vendo o par

vender uma só  
não me alivia o lado. Pesa o outro.

Peso cadeiras. Espero.

Vender cadeiras  
no ato derradeiro:

construo cadeiras  
compro a madeira

empalho  
equilíbrio as peças  
na necessidade

sento em cadeiras  
desconsideradas. Penso  
sofás estofados.

Venderia sonhos: estabeleço  
a seriedade  
do ato na irreabilidade.

Transito cadeiras à vista  
dos transeuntes. Entrego cadeiras  
em domicílio.

Experimento as peças: peço  
um copo d'água. Apregoar cadeiras  
exige concentração  
e respeito.

Vendo cadeiras. Vendo assentos  
Imobilizados. O móvel capaz  
de suportar o corpo  
em declínio.

Absorvo das cadeiras o espaço  
trespassado em palhas  
e o prego mal colocado.

Reforçado em envergadas madeiras  
lanço o experimento ao mercado.

Canso de carregar  
peças desconsideradas.

Desconheço casa sem cadeiras.  
Bancos tomados por assentos  
apropriados ao corpo. Vagueio  
a necessidade e me deixo à margem.  
Passagem seduzida em compras  
elementares.

Obedeço a regras. Dispensio a régua  
e olho a madeira transformada.  
A mão molda o desenho e os lados  
se completam. A regra desconstrói  
o mito. Não desejo ao homem  
o despreparado ato. Ao redor  
da mesa silencio a oração  
de agradecimento: sento.

Objeto ao sujeito a disparidade  
entre preços na oferta  
em demanda.

Vender cadeiras exercita  
o momento posterior ao cansaço.

Fazer em barulhos a rua  
silenciar no grito  
de oferecimento.

Demandando ofertas de preços  
diminuídos: o necessário.

Prefiro a hora mediana  
de ensolarados caminhos:

janelas abertas  
ao discurso  
e o som solto  
após o almoço.

Cadeira transformada  
em descanso. Espichar  
as pernas  
na cadeira  
em frente.

Dispostas  
na calçada  
enfileiradas: sento alternadamente  
em cada uma delas.

Danço cadeiras na solidão  
dos personagens.

É cedo para me acostumar  
com a falta  
de companhia.

Vendo cadeiras para serem usadas  
em situações de risco. Subir  
com cuidado e da prateleira  
retornar o vidro.

Discurso virtudes

recursos

motivos

serventias. Sei de cor

e salteado

centro e trinta

e duas formas

de se usufruir

de cadeiras

dispostas

em círculos.

Minto razões desconsideradas  
em motivos. Recupero cadeiras  
jogadas fora.

Peço licença  
para sentar  
e usufruir  
por momentos  
da maciez  
do estofamento.

(Minto a manutenção da palha  
e coloco feltros sob os pés)

A cadeira se oferece em espaldares  
e as mãos  
sem querer  
descansam sobre as pernas.

Vendo cadeiras como são vendidos amores  
desnecessários na saída do trabalho.

Em ocasiões de desfiles  
desfilo cadeiras  
coloridas. Vendo o conforto  
de assistir  
sentado.

Alugo cadeiras (de certa forma)  
aos desesperados: o elemento  
na necessidade de estender  
a corda entre as vigas.

Certa vez entreguei uma cadeira  
sob a árvore amarga das desgraças.

Vender cadeiras  
é penetrar  
o inverso do corpo  
ao necessário: ser responsabilizado  
pela coerência da queda do corpo  
sobre suas próprias pernas.

A cadeira amortece o baque  
e retesa sua estrutura  
no combate: recebe o corpo  
e o acolhe na inverdade  
do peso deslocado.

Não me reconhece: reconhece  
as cadeiras  
fabricadas.

O movimento permite  
discursos  
repetitivos.

(Entoo músicas divididas  
em estrofes de chamamentos)

Não me conhecem: reconhecem  
nas cadeiras a hora  
das respostas.

Podia buscar o enriquecimento  
licitado em preços menores. Cada  
cadeira revela o valor na validade  
de chegar em casa e depositar  
o corpo sem raciocinar filosofias  
e extravagâncias. Sentar é ato  
aprimorado do corpo sustentado.  
A cadeira se presta em suportes.

Vendo cadeiras: entrego  
o produto.

Revisto cada cadeira  
em plásticos coloridos.

Escondo imperfeições  
e disfarço em nódoas  
as falhas da madeira.

Não vendo cadeiras plastificadas.  
Não vendo cadeiras espalhadas  
em terrenos desequilibrados.



Ofereço a garantia habitual  
do negócio: a acolhida  
necessária  
ou o dinheiro  
de volta.

Sobressaltado  
acordo no meio da noite:  
sonhei não ter cadeiras  
para viver. Vendo cadeiras.

O sonho prenuncia o medo.

Na oficina mecanizo  
madeiras  
palhas  
estofos

o barulho acorda  
a mulher que pergunta  
sobre o trabalho  
fora de hora: a hora é agora  
respondo.

Certa vez historiei minhas cadeiras  
e tive pena de vendê-las.

Fiquei fabricando cadeiras  
e as empilhando pela casa.

Os cupins estavam se satisfazendo até que aspergi veneno sobre elas. Dormimos duas noites na casa da mãe da minha mulher. No terceiro dia recomecei a vender cadeiras.

Antes coloquei cera nos buracos deixados pelos cupins e pinteí de marrom aquelas cadeiras.

Cadeiras são construídas para serem vendidas.

Difícilmente encontro colecionadores. Cadeiras são utensílios caseiros.

Vendo cadeiras de porta em porta. Tenho amizade com os porteiros. Atendo chamadas pelo telefone.

Não tenho freguesia fixa: cadeiras costumam durar além da conta.

A mulher comprou uma cadeira  
e me confidenciou que a usaria  
para fazer sexo. Tive vontade  
de perguntar como:

a maneira  
o modo  
a posição  
a disposição do corpo.

Preferi calar e carregar  
a dúvida da utilidade. Recebi  
o pagamento em dinheiro: comprei  
pão e leite e salame. Dormimos  
satisfeitos.

Tronos são cadeiras do enfado  
em incômodos formatos  
de consumidas pernas

(O início das banquetas)

não vendo banquetas  
não fabrico banquetas  
não construo banquetas

vendo cadeiras no formato  
original da peça: o assento  
as pernas  
o encosto

transito cadeiras pelas ruas  
e quando canso  
descanso o corpo  
em uma delas.

Encontro amigos: sentamos  
e conversamos  
sobre assuntos  
diversos. Meus amigos  
compram cadeiras  
comigo. Sustentamos  
os corpos em futuras  
compras. Sussurramos  
palavras sobre a vida.

Calçadas recebiam as cadeiras  
nos finais de tarde: anoiteciam  
cadeiras em família.

Minhas cadeiras  
imóveis momentos  
sobre o solo.

Retorno ideias  
de mobilidades:

minha estrutura  
rejeita a ideia

cadeiras são objetos  
não transitórios.

Estáticos corpos  
dispostos ao saber  
da hora.

Proponho trocas: entrego  
as cadeiras  
e recebo  
bancos de praças.

Reponho os bancos  
nas praças da minha infância.

Sobre o futuro  
aguardo: componho  
o estoque  
de madeira  
e mantenho ligado  
o torno

as raspas de madeira  
forram o chão: tapete  
desigual da unidade  
talvez o futuro seja seco  
e as asperezas ardam  
meus pés cansados.

Sobre o valor  
das cadeiras vendidas  
recolho impostos:  
a impostura do gesto  
dispensado à memória.

Da natureza retiro a árvore  
em ripas: a palha entrelaçada  
a pedra em aço transformada

argumento sobre as horas  
trabalhadas.

(Receio violar o entendimento  
coletivo da miséria).

Vendo cadeiras:  
veículos onde crianças  
giram abraços  
em viagens  
inimagináveis

e adultos desconsolados  
desmancham sonhos  
em salas de espera

veículos rumam  
infinitos comportamentos:

algumas crianças  
não alteram o sentido.

Ao velarem os mortos  
colocam cadeiras  
junto ao caixão:

corpos assentados  
inclinam as mãos  
sobre as bordas

os olhos choram o corpo  
deitado.

No quarto parco de fracas luzes  
distingue no canto a cadeira: cuidadosamente  
deposita as roupas  
e o par de sapatos  
sob o assento

na cama a mulher acompanha  
os gestos e a visão  
guarda a posição da arma e da carteira.

Dispostos

frente a frente:

o casal

discute a relação

entre assentos

e espaldares.

Cadeiras transformadas  
em trincheiras: despejam mágoas  
e rancores.

Estofados em maledicências  
o casal se limita  
a jogar os corpos  
em ilesas situações  
de acobertamentos.

Revendi cadeiras: hospitalares  
religiosas  
de salões mal iluminados  
colegiais

não fiquei satisfeito em vender  
objetos fabricados por terceiros  
utilizados por estranhos



desisti da revenda  
vendo as minhas cadeiras  
e sei do começo do processo  
à entrega direta ao comprador

diversos compradores conhecem  
o meu nome e me cumprimentam  
quando nos encontramos.

Poucas vezes  
as cadeiras são devolvidas.

Nenhuma vez retornei  
cadeiras por falta de pagamento:

mesmo que uma única vez  
ao cobrar a conta  
tenham me oferecido  
assento  
na que me era devida.

Cadeiras possuem vida apropriada  
a certas sutilezas.

Diante da promessa de quitação  
da dívida afaguei o encosto  
e me retirei satisfeito.

Tomar chá de cadeira  
e assistir de cadeira  
são expressões que denigrem  
a imagem do objeto.

Melhor escrever  
chá de banco  
e assistir de camarote.

Mesmo que o banco seja  
a cadeira desprovida de encosto  
e o camarote se resuma  
na reunião de cadeiras.

Vendo cadeiras avulsas  
pintadas nas mesmas cores  
feitas da mesma madeira.

Minhas cadeiras são únicas  
em suas desigualdades.

Se as cadeiras estiverem  
perto do descarte  
saiba que seu descanso  
está sendo construído  
aos poucos.

Ao ouvir minha voz apregoando  
o objeto vá até a janela  
e peça que a exhiba  
de forma completa: a consistência  
macia e a dureza  
explícita das pernas.

À cadeira dada se olha a palha  
como se fossem dentes.

Acordo: na penumbra do quarto  
vislumbro a luminosidade  
da madeira. Cadeiras  
não dormem suas noites

acompanham nosso sono  
e se guardam em roupas  
despejadas ao amanhecer.

Vendo cadeiras diurnas  
de repouso ao corpo  
em atividades. Desligo os olhos  
ao objeto. A cadeira sente  
meu desfalecimento.

Você que arremessa a cadeira  
pelos ares amanhã  
reconhecerá a possibilidade  
do conserto: cadeiras ressurgem

em contatos e se instalam  
ante mesas. Os espaldares  
ojerizam corpos deslocados.

Tropeçou na cadeira  
e ao cair  
bateu a cabeça  
na quina da mesa.

Móveis  
movimentam  
corpos inanimados  
em ataques  
suicidas.

Meu pai não vendia cadeiras: tornava  
seus dias exercícios de diversas  
posturas: de lado nas crises de frente  
nas raízes de costas no aproveitamento.  
A cadeira transformada em janela na porta  
da frente: janela e escudo.

As cadeiras que vendo  
não poluem a paisagem

naturalmente construídas  
destacam da madeira

a cor do tronco retirado  
da palha o amarelado  
seco do estio

rebrilham pregos recém  
retirados do pacote.

Lembro o papel grosso e áspero  
que envolvia os pregos.

Sobre a cadeira  
espio  
o mundo

(muro contraído  
em pedras  
deslocadas).

Na cadeira aprecio  
a paisagem na exteriorização  
da imagem.

Sentado relembro  
o motivo. A cadeira  
como permanência do espaço.

Por que vendo cadeiras?

Pergunta o menino  
pergunta o velho  
pergunta o surdo  
pergunta o sócia  
pergunta a recém-casada.

Vendo cadeiras e isto me basta.

Porque vender cadeiras e oferecer assunto  
é oferecer troca  
é oferecer o momento amigável  
de chegar em algum lugar  
e ter onde depositar o corpo.

O corpo depositado olha seu inquisidor.  
A cadeira presa.

Vendo cadeiras na elegância dos braços  
carregados no descanso prometido.

Elevar o objeto ao alto  
do anúncio e o abaixar  
na lentidão  
do exibicionismo.

Fazer com que as cadeiras  
sejam vistas e desejadas  
no passo rápido do transeunte.

Prolífico na produção  
demoro o desenrolar  
da venda: vejo a pretensão  
nas mãos que afagam a cadeira.

Os olhos refletem o futuro  
dispensado ao gesto.

As cadeiras se aninham  
sob mesas. O pretensio  
dono  
sente a fome  
do meio dia.

Não posso vender cadeiras  
como objetos abandonados  
na primeira oferta. Cadeiras  
exigem  
descontos.

Deixo de enumerar  
as cadeiras vendidas.

Sequencias são ordens  
entrevistas em irrealidades.

Se perguntam do quanto  
respondo o quando  
e como.

Enumero palhas  
madeiras  
e pregos

deixo de dizer sobre o trabalho  
da máquina a alisar as formas.

Cadeiras são femininos espaços  
ocupados.

Terminei de ler o livro  
que aborda a fadiga (suas contradições e agarramentos  
suas pretensões e disfunções sua maneira contumaz  
de agir e a seriedade do cumprimento entre outras  
facetas com que a fadiga se demonstra e se mostra  
e também se esconde: o canto do pássaro pode ser  
a sua fadiga o nosso silêncio a nossa fadiga  
o regresso a pior fadiga).

Sou vendedor de cadeiras: saio  
pela manhã – após trabalhar  
na marcenaria – e volto ao anoitecer.

Dispenso a fadiga nas cadeiras vendidas  
e arremesso ao espaço as que retornam  
comigo. Volto cansado. É certo.



Certa vez  
há tempos  
(além das lembranças)  
cada pessoa construía a sua cadeira.

Não eram vendidas  
e compradas.  
Não havia contratos.

Alguém resolveu  
colocar outra cadeira  
junto ao terraço (o que  
então  
chamava  
terraço).

A segunda cadeira foi roubada  
à família de alguém recém  
assassinado.

No parque  
sentados em bancos  
dispostos à margem  
do passeio conversamos  
sobre amenidades  
saudades  
e reencontros.

Alguns conhecidos perguntam  
pelas cadeiras. Seria inoportuno  
vender cadeiras em parques  
nos domingos.

Conheci alguém  
que numerava suas obras.

Não numero as cadeiras vendidas

considero todas  
como se fossem a mesma

(a primeira).

Permanecer acordado  
a pensar cadeiras fabricadas  
e vendidas.

Entender o objeto como reflexo  
e avesso corpo solitário.

Não ser na esperança o ranço  
autoritário do ultrapassado.

Dormir em cadeiras  
que serão vendidas.

Figuras sucessivas em audiências  
de pedidos diversificados

(ao príncipe cabe o princípio  
artificial do beneplácito)

- com a mão recolhe  
com poucos dedos distribui –

a cadeira gasta em madeira  
lustrosa de tantos sentares  
permanece  
além da substituição  
do príncipe.

Sou a incerteza  
do que foi dito. A natureza  
não conduzida em sobrevivências.  
O esaldar da água jorrada  
ao fundo da vasilha: o amanhecer  
do dia  
coberto em chuvas  
torrenciais.

A ocorrência despercebida  
no gritar da peça anunciada.

Vendo cadeiras.

Não sou o desdobramento do conjunto  
de cadeiras isoladas em cores diversas.

Do tronco de onde retirada  
a madeira o gesto do passar

do pássaro. A orquídea  
e a barba de bode.

Junco em águas  
junto a palha: seca  
em terras ensolaradas.

Admiro a montanha desmontada  
em vagões: o serpentear da fera  
encaminhada ao monturo.

A finalidade da cadeira  
em vendas intercaladas:  
o sacrifício se faz sentado  
e quieto.

Alvo objeto  
o assento  
assiste a permissão  
do corpo:

atenção dispensada  
ao desgosto  
da imobilidade.

Vendo cadeiras desprovidas  
de ares incondicionais de terras  
recondicionadas de águas que incham  
a madeira em deformações estéreis.  
Certa vez disseram que da cadeira brotou  
a folha envergonhada pelo desperdício.  
Mas não existem provas.)

Para tudo acontecer na medida exata  
pesquisei mais de dez anos.

Foram quinze longos anos  
em que cada cadeira produzida  
serviu como elemento iniciador  
da próxima.

Afastado no espaço conclamado  
ao protótipo esqueci a natureza  
do assentamento. Estive perdido em ornamentos  
e precipícios.

Por não antever o corpo sentado em relaxamento  
tenho que me oferecer à rua em lamentos:

vendo cadeiras sem originalidade.

Talvez oferecesse  
cadeiras  
à pessoas  
necessitadas.

Talvez as cadeiras possam  
ser esquecidas em corpos  
mal acomodados.

Vendo cadeiras  
outros vendem vidas  
e bens

(vendem tesouros petrificados  
e óleos. Vendem árvores  
em adornos  
e peixes endurecidos  
no final das águas).

Em cadeiras assentados discutem  
o futuro: o imperador no convés  
recoberto em panos afixa o olhar  
à frente. A terra deixada

se transforma  
em resquícios  
de saudade.

Não tento  
instruir meus filhos  
(inexistentes)  
no ofício  
de marceneiro

não ouvirei deles o grito  
com que anuncio  
a venda: cadeiras sustentam  
o tempo esvaziado em sentimentos.

Vendo cadeiras: agora  
é a hora  
e o sustento.

Na minha morte  
as cadeiras  
restantes  
serão quebradas

o grito calado  
no interior da oferta

a terra cobre  
meu corpo  
sentado

(amarram meus pés  
e meu tronco)

na terra sob a cadeira  
brota a árvore  
desconsiderada.

Não venderei cadeiras  
ao esquecimento.





*(Foto/Tânia Du Bois/2016)*



## **Prólogo**

Cioso do ciúme escalado em montanhas  
atinjo o cume e revejo o universo permitido  
pela altitude. A falta de ar confunde  
o exterior da jornada. Retorno e conto  
dos perfumes não percebidos e cores  
brancas no renascer do espaço.

Avesso ao despropósito recuo palavras  
em calabouços não refreados. Apostas  
perdidas na abstração do esforço. Macia  
forma de me dizer a máscara.

## **A Máscara**

Ofereço a máscara ao rosto  
em dias de seguimentos. Honro  
a segunda-feira dos trabalhos  
e me recupero em revelações noturnas.  
A máscara é o escapulir da aversão  
habitada em casas e responsabilidades.

A alteração perturba os passos  
revoltados em caminhadas de deuses  
desacompanhados. A face escondida  
sob o rosto distrai a vontade de ir embora  
no tardio reflexo em imagens despercebidas.

## **A ingenuidade do Espelho**

Basto a mim mesmo. O orgulho filial  
engana a família em distrações baratas.  
Não escuto futuros e canso em passados.  
No espelho a ingenuidade dos atos repassados.  
Ontem era eu e hoje sou eu. O amanhã promete  
a imagem cansada das honrarias.

Abdicação: aprendi na escola em sons  
desvelados. O sonho arremessa o espelho  
na opacidade do desmentido.

## **A Realidade Presentida**

Realidade. A reação ao comentário em voz baixa  
se deixa levar pela correnteza prazerosa do ora veja.  
Vejo a esquina a quina a bifurcação e o inverso  
da bruxa presentida em engodos de verdade.

Na realidade a máscara revela o permitido.  
O estalar dos dedos e a tinta sobre a matéria.  
Olhos e nariz. Boca. O pressentir da mudança  
deletéria se transformar em despercebido.

## **A Revelação como Mentira**

Despercebido e morto. Ignorado.  
Recado em papel timbrado. O selo  
sobre o nada. O lacre na a origem  
do esquecimento. Pretendo ser verdade.  
Revelo mentiras sob máscaras. O tempo  
desnecessário ao aborrecimento no verso  
não se oferece como revelação.

Minto. Mentira. Falsidade. O acender das luzes  
difunde reflexos não permitidos no aproximar  
a face ao vidro. Mãos nas pernas.  
A revelação é engodo não a terminação  
do ódio na pedra descerrada.

## **As tonalidades da Máscara**

Longe as luzes dos carros levam  
pessoas para todos os lados. A substituição  
das cores visita máscaras sobre olhos  
indecisos de distâncias. Anjos inexistentes  
se apresentam e dirigem suas mágicas  
na antepassada forma de me conduzir.

O tom desnuda significados. A máscara  
absorve o temor entre a pele e o tecido  
recortado. Afirmo a necessidade dos gritos  
das crianças no abrir a noite aos carros  
desabalados em destinos: concerto trajetos  
e tons amedrontados mascaram ideias  
remediadas na mitificação do nada.

## **O Vazio da Revelação**

O horror impele à revelação vazia  
de insignificantes formas de descobrimento.  
Adjetivo o discurso e utilizo como recurso  
a imensidão. Nada transubstancio  
no trespassado em choros e lamentos.  
Olho o simulacro das estrelas em espaços  
obscurecidos. Através do tempo  
– assim considerado – revejo  
a exemplaridade do cotejo. Nem o vazio  
se revela. Nem a revelação se esvazia.

## **A Irrealidade Regrada**

A regra determinada na restrição  
ao disparate de ser livre. Real  
ocasião republicada no estardalhaço  
da notícia é a indenização do asco  
na diversidade dos ítems.

A irrealidade na contenção da hora  
em relógios disparatados.  
O vagar no espaço temporalizado  
em horrores reservados ao mito.  
Disparo corações na excelência  
do reconhecimento e me faço mudo  
surdo cego e desprovido do olfato.  
Meu ressentimento é realidade  
destacada ao inverso das regras.

## **A Irrracionalidade**

O conceito em pedaços e no racional  
vendido em feiras impopulares traduzo  
a impressão de ser bem vindo. Ofereço  
prêmios e presentes. Distribuo máscaras  
em dias de apresentações e destaques.  
Guardo a irracionalidade no outro  
desprovido da minha face.

Irrracional grito ao público sedento de haveres  
circunscritas ao terror da face desnudada  
em reconhecimento. Irreal digo  
de pessoas absortas em temporalidades.

## **O Mascaramento**

A esterilidade mascarada em filhos gerados  
no seguimento do nome. Desmascarado o homem  
se contempla em não acontecimentos. Reaparece  
de forma antagônica e a agonia do recado. A farta  
distribuição de balas e biscoitos antes de a porta  
ser fechada entre máscaras.



## **Personas e Personalidades**

Onde me apresento: ilusão amortecida  
em dizeres desconexos e a pessoa  
despossuída de amores em refluxos.  
Personalidade ao acaso das uniões provisórias.

A letra rebuscada em notas na veracidade  
da individualidade se contrai em rabiscos  
de desencontros. Personas e personalidades  
se odeiam na conjunção aflitiva dos planetas.

## **A Continuação**

Desde que saí de casa – bati a porta –  
uso máscaras indistintas de oportunidades.  
Na continuação de meu pai e na sorte  
contemplada por minha mãe. Meus avós  
não conhecidos no espaço permitido.  
Meus bisavós arborizados em genealogias.

Continuo o trajeto oferecido ao contato  
e sinto o resvalar dos dedos sobre a barra.  
Na queda inconclusa – acordo – refaço  
em lágrimas as salvaguardas perdidas  
na utilização de máscaras desprovidas  
do que me oferecerá o futuro.

## **A Revelação Postergada**

O futuro postergado permite acompanhar o presente. Mera repetição. Dias noites anos e meses de mesmos nomes. Amanhecer e anoitecer em estrelas frias e distantes.

Tenho na revelação a postergação do avesso e me distraio em vitrinas de acondicionados bens materializados para compras. Desprezo a beleza imóvel dos bonecos e o despreço pelo destemor da pedra estraçalhada no que não me permito postergar.

## **A Venda do Irrisório**

Vendo o irrisório. Palavras desditas e máscaras em promessas. O que não foi revelado e o futuro inacessível à mortalidade. Ontem seria hoje: hoje não foi ontem. Não vale a tristeza e a comodidade me é tirada na aspereza revelada.

## **Desmascarar-se**

Não conheço quem tenha desnudado  
a face pela curiosidade alheia.  
No esforço do reconhecimento  
surgem facetas desproporcionais  
ao conhecido em épocas anteriores.

Não conheço quem possa em gesto  
de grandeza desvelar a face  
primordial da indelicadeza. A máscara  
impede o tormento na efemeridade  
revolta ao reflexo do espelho.

## **A Intenção Revelada**

O relato transformado em monólogo. Nada  
do permitido se renova. Nada traz  
a intenção da revisita. Nada revela  
o segredo desmarcado em sinais  
trazidos como selo. O conselho  
permite a intenção de revelar  
aos poucos sua mentira.

Olho a face do oponente. Cartas distribuídas.  
Leitura atenta aos detalhes. Leve franzir da testa.  
Piscar os olhos. Levar a mão à boca. As intenções  
revelam histórias descontadas.

## **A Máscaras Aposta**

Chego com a cara limpa e me digo  
soldado do desespero. Recebo cumprimentos  
e medidas. No recolhimento onde máscaras  
são apostas de sofrimento. Aprendo o esgar  
do riso. O choro. O emendar do sono ao sonho.  
Percebo o olhar disposto ao rosto mascarado  
do reflexo. O tempo é existência e glória.

Consumo máscaras em relações  
iniciadas como costume. O aprendizado  
no ganido do cão na noite em segredos.

## **O Desmascaramento**

Obedeço ao sentimento e me desmascaro.  
Gesto inútil da sutileza desmemoriada. O ar  
invade o meu rosto e o infla em eternidades.  
Desmascarar a virtude e a virtuosidade.

Não sou o primeiro nem o segundo  
o último na condição de ficar de lado.  
Ofereço a máscara ao transeunte.  
Desmascarado sinto a nudez  
graduar o gesto em ataque.  
Destacar a similaridade.

## **A Não Revelação**

Desde criança procuro a magia  
em que situações revelam indiferenças  
no conteúdo: na idade avançada dos tormentos  
descubro a fragilidade da revelação.

Escondo a máscara sob outra máscara  
e no suceder das máscaras me descubro  
em revelações iniciais de verdades.

## **Aquém da Máscara**

Algo reluz nas pedras. Montes iniciais  
das lembranças. Lembro o dia  
afastado da noite. O tempo  
na preciosidade além haver  
espaço na impropriedade.

Não uso máscaras. Limpa face  
em imagens desconhecidas. Aquém  
diz minha mãe em reservada conversa:  
entenda a validade da descoberta  
e a inferioridade das conversas vãs.

## **A Realidade do Absurdo**

O mistério absurdo das ingerências. Brigar contra a sombra assumida em fantasma. Trancar a porta no revés do vento. Saber-me inação. Rompo o laço e me destaco na realidade. Absurdo.

A realização do sonho: o escopo centraliza pessoas inexistentes. Seres deslocados ao inverno no infernal delírio do gentil humor na contrariedade. Depois me faço noite em realidades e absurdos.

## **O Retirar do Mistério**

Ao longo do caminho desvelo virtudes adquiridas em largos passos. Retirado mistério me oferece ao desmerecimento do passado. O mistério retira do esforço o truque com que minhas vidas abrem falsas promessas nas máscaras adquiridas.

Posso ser verdade não fosse a ilusão e o erro. A mistura da tentativa e a retirada agônica das premissas. Ao mistério cabem salvaguardas e aos desafios o enfrentamento do medo no revés da alma. Reconheço a solicitude e a faço merecedora da retirada.

## **O Interior da Revelação**

Reitero a imagem em inovações e coragem.  
Avanço imediato onde me confundo. O interior  
é enredo da casca quebrada em revelações.

O interior revela o conteúdo e apaga as pistas  
em passos retornados. A revelação é anterior  
ao fato em projeto inacabado.

## **A Máscara Sitiada**

A máscara é auxílio e desenvolvimento.  
Sitio o inimigo: fome sede desavenças e medo.  
Mascaro a imaginação do monstro em horrores.  
Estar inócuo e imóvel ante a porta.

Aceno o branco lenço no espaço ocupado. Aceno  
o lenço branco do fracasso. Mascaro a situação  
em altos brados. Oro desesperos em descumprimento.  
Sei de quem é a mão ocupada com o lenço  
no espaço fragmentado da sentença.

## **O Lado Exterior**

Muito diz sobre a exterioridade da máscara em disfarce no embuste e na imagem desconsiderada. Impassível atenção desvelada em tiques nervosos. A máscara perdura no rosto desfeito em lágrimas.

Lado encoberto: contato interior na pele em avesso. Lado obscuro onde o rosto retém suas mensagens e a máscara adquire contornos metafóricos. Lado interior na negação das partes. Rosto escondido na máscara oferecida em pagamento.

## **Quase Milagre**

Porque da máscara não retiro o ricto da morte tenho a permanência do corpo deposto na imobilidade. Permanece a máscara como objeto em imagens esmaecidas do frio contemplado.

Seria milagre a mosca sobrevoar a máscara em reconhecimento e em pontos distendidos escolher o espaço inoportuno do seguimento. O milagre transfigura a morte na recomposição da vida ofertada em promoção e desapareço.



## **A Concretude da Máscara**

Concreto ponto de desapontamento: a máscara é máquina irregular: imagem sobreposta em imagens repetidas. A repetição da voz em sermões e dizeres sobre a morte. A vida é concretude do esconderijo.

Máscara: invenção do inverno na aspereza do frio no corpo descoberto. Indevassado passado se apega ao desdouro e a máscara oxida a verdade.

## **A Ilícitude da Revelação**

Na diagramação invento textos desconexos de repetições. A ilicitude da máscara cobre faces desveladas. Revelo o absurdo e contemplo similitudes.

A avidez com que o predador se oferece ao desenlace. Ávida paixão é mel em poder da abelha. A mão introduzida e o choque com que a revelação se apresenta ilícita.

## **A Máscara Revelada**

Gosto de usar na máscara o irrefletido:  
a opacidade anteposta ao papel  
desenhado no esboço e o gesso  
na morbidade do rosto  
condenado à decomposição.

Escondo a situação em palavras alisadas  
de águas escorridas em conexões e poços  
reveladores da inconsistência das razões  
produzidas em provas inclementes. Abro  
a máscara no descascar a fruta e revejo  
no interior da polpa a semente.

## **O Envolvimento do Reflexo**

Eu que estive à frente do combate reflito  
o envolvimento no medo. Coragem apropriada  
à necessidade de me fazer forte. Na fraqueza  
da antevisão do corpo o espírito fugidio  
com que a torpeza da vida se alimenta.

Outro dia – talvez – aceitarei o futuro  
como o inseto na parede. Alvo  
e contrário desenvolvo o refletir da mão  
em socos e o revolver do rosto  
no seguimento da face desconsolada.

## **A Inflexão**

Reflito o barbante desenrolado  
no mistério da escuridão percorrida. Entrevejo  
a ação desmedida em gestos de anunciação:  
ajoelhado rezo o vazio do espaço. Encontro  
o ponto negro em que me fixo ao dormir.

Reconheço no tom o perigo afastar  
um corpo do outro. Reafirmo a ironia  
do sucesso e realimento o fato  
com o pão adormecido.

## **Como Transeunte**

Falo repito reflito reparto reconto acrescento  
detalhes e o transeunte despreparado desliza  
passos em máscaras. Um bom dia uma boa tarde  
a boa noite e o até logo.

Mascarado receito olhares e dizeres condizentes  
ao bem estar. Abstraio passados e me dedico  
a desconsiderar a tentativa de me fazer à frente  
do tempo e espaço. Transito o desnecessário  
e cantarolo músicas lembradas.

## **A Paixão Mascarada**

Porque me apaixono na facilidade da não revelação  
mascaro o sentimento e fechado em ares arredios  
dos ventos faço despencar da árvore o fruto verde  
do trajeto. Na estação apropriada revelo a facilidade  
com que me escondo em receios e medos.

Porque perco na paixão a revelação mascaro o vazio  
do principal aqui e agora deformados na massa  
insensata de ligações tecidas em cuidados.

## **O Amor Revelado**

O ator revela amores desproporcionais ao texto  
e o diretor refaz a cena. Retira do personagem  
o sentimento aprimorado no contrassenso  
desprezado em suas virtudes. Revelações  
completam o desfazer do tipo considerado.

Amores. Aprisionada forma de se dizer amado  
no turbilhão das águas nas profundezas  
embebidas em copos cristalizados. Atores  
alcançam a revelação ao declamarem avisos  
e recados. Sem entonação. Na agonia da conquista.

## **A Máscara Aprisionada**

Sou prisão orgânica e organizada. Trapézio e trampolim. O salto. O vazio preenchido na certeza do não retorno. Deformo a máscara e me faço em espertezas vencidas em combate. Preso me refaço em novas faces atribuladas.

Estou aqui e me faço ausente. O resultado do jogo diametralmente afastado em números condizentes com a situação absoluta das inverdades. Única razão. A racionalidade da máscara aprisionada no sonho de se fazer perpétua ou duradoura.

## **O Habitat da Máscara**

Habito a necessidade de ser diverso. A máscara me oferece a possibilidade do mito. Mitifico a coação não recebida e me desloco em mistificações barateadas.

Entre ouvir lamentos e saudar o novo repito gostos e me desgosto em novidade. Minha máscara é esconderijo e comunhão dedicada aos atores: cena na perplexidade.

## **O Choro e a Revelação**

Sobre minha vida despejam culpas assumidas  
em lágrimas de arrependimento. Não me dizem  
o crime cometido. Instalam em mim o remorso  
pelo alheamento indigno ao tempo presente.

Sobre a revelação desdenham o desenho  
com que a máscara devolve desprendimentos.  
Ter sido e vir a ser. A conjugação abstrata  
do tormento envida forças contra o aniquilamento.  
Nada mascara o atormentado rosto recoberto.

## **A Solidão da Imagem**

A máscara na imagem solitária da incerteza.  
Faz da imaginação a arma trespassada no corpo  
indiferente. Obediente sensação ilude a mão  
tornada impassível e o desprezo avança.  
A distância conjuga em estampa a máscara  
e sua aversão ao mito na solidão da imagem.

Vaga palavra: a música repete o refrão amoroso  
da saudade. Melancólico. Melancolia. A acidez  
em engodos atravessados na garganta.

## **A Decomposição da Máscara**

A surpresa subestima o interesse no reflexo.  
Olho a paisagem refletida de ponta cabeça.  
Distingo na imagem sua contrariedade  
na decomposição da verdade em aversão  
ao entendimento entre as partes.

O mascarado é incógnita pela razão aberta  
da composição enfrentada pela irracionalidade.  
A ira do senhor. A senhora ante a porta  
entreaberta. A máscara decompõe a imagem  
em fragmentos espelhados e a face verdadeira  
é o restante do gesto espantado sob a água.

## **O Espaço Restante**

Meu espaço invadido e saqueado. Ao inimigo  
dirijo sorrisos. Aos familiares em espantos  
meus olhos transmitem a ordem do silêncio.

Sou o restante do espaço permitido  
e nele me refugio. Não me revelo  
em íntimos pensamentos. A máscara  
é antecâmara da tortura não ensandecida.

## **A Luz da Revelação**

Pelos pecados atribuídos em ingenuidades  
sou a atribuição da luz contra a corrente  
eletrificada da procura. Torturado em ilusões  
me revelo ao carrasco e entrego os pontos  
desnecessários. Atenciosamente me digo  
pronto em sacrifícios. Choro a incerteza  
do retorno e morro lembranças.

Mortuária é a máscara revista no voltar para casa  
e encontrar a mesa disposta ao almoço. O silêncio  
desconjunta cada objeto no estardalhaço  
com que as lágrimas despojam a terra.

## **A Composição**

Não sou íntegro. Integro o renascer da aurora  
e me desintegro em noites arrebatadas ao sono.

Composto pela revelação dispenso na máscara  
o ocaso fracionado dos ensinamentos. Desconheço  
a presença do fantasma que me habita em sinais  
aparentados ao corpo carregado em promessas.



## **O Imediatismo da Face**

Sendo a face o imediato reconhecimento posso contemplar o esforço e me fazer forçado à vida. Minha face descoberta em máscaras escondidas às outras em desconhecimentos. Sou outro e o mesmo. Mesmo que em mim se estabeleçam ordens e razões contrárias em química reacionária.

A face destroçada retira a máscara e demonstra o imediatismo do regresso. Agora me conhece e se arrepende de levantar o véu manifesto.

## **A Contra-face**

Fui prometida presa e prisioneiro vendido e trocado por milhares de coisas arremessadas sobre a amurada. Negada imagem reponho minha face contra o espelho em espaços correlatos de visões diretas. O contrário dizem os donos e os guardiões e os controladores.

Minha contra-face disposta em fracasso ao povo sustentado em armas. Algozes se repetem ávidos em recompensas e minha vida não lhes diz respeito.

## **A Revelação do Vazio**

Esvaziado na consistência do ar circulado em terras  
revelo o nada. Podia ser a totalidade. A metade.  
Nada é resposta coerentemente aplicada.

Na imensidão do escuro concreto a máscara  
e me instalo ao sabor das correntes. Assusto  
incautos corpos transeuntes. Sou assustador  
e assustado espaço não conservado.

## **A Ignorância**

A ignorância norteia a magnetização da esfera  
e a gira indefinidamente. Sei do começo  
e posso calcular o futuro – decorrente – ao aliar  
esforço e espaço. Minha ignorância desconhece  
a medida evitável dos contatos irrelevantes.

Sei retirar a máscara e me dizer corpo  
presente: tenho na ignorância a constância da vida  
ofertada em holocausto. O amor semeia ventos  
ignorados e colho em mim a aproximação  
da estrela circular no espaço esvaziado.

## **A Ocupação do Espaço**

Minha matéria escura é desconfiança cercada de dados conjugados em condições binárias. Claro e escuro. Impulsiono o corpo e o repilo em ondas magnéticas. Transformo o impulso em repulsa desocupada no espaço permitido.

A máscara descola do rosto o sofrimento. Choro imagens escancaradas em olhos aprofundados. Ocupo com máscaras e fantasias a realidade espacial desordenada no caos que me situa pela situação nominal das coisas.

## **A Máscara Despreocupada**

Sendo máscara não motivo preocupações. Assumo o corpo desnudo adiante da notícia passada e me visto apropriadamente na noite cercada em aproveitamentos.

Sob máscaras mentidas em impropriedades sobrevivo aos dias ímpares das delicadezas criminosas nos atos embarcados em azares. Rude maneira de me dizer ausente.

## **A Culpa e o Crime**

Opino sobre conversas ouvidas durante o trajeto prometido. Agradeço a culpa impelida pela poeira e o crime me desafoga em cordas repuxadas.

Requeiro na máscara a revelação da intimidade e me desfaço na face verdadeira. Não posso ser punido pela criminalidade ostentada nem ter a culpa inconformada dos profetas.

## **O Esconderijo**

Vejo ruas bifurcadas em esquinas onde passeiam pares e ímpares pessoas. Meu esconderijo se dirige à saída e a passagem se reencontra. Junto da porta que entreabro saio em máscaras perpendiculares aos sentimentos. Revejo ruas bifurcadas na infância.

Dialogo a ação executada pelos verbos. Revelo nomes e datas. Rearrumo nomes e dados. Nada possuo e o orgulho fere a máscara em descoloridas formas. Fecho a porta em decepções e bifurcações convergem no estratificado modo de me fazer aparente. Escondo o cansaço.

## **O Horror do Sentido**

O abismo recebe o sentido exato da queda.  
O revoar do pássaro. A vizinhança estranha  
o barulho do vento. Horrorizado ao despejar  
o líquido e a avidez da mão sobre o pote.

Habito o sentido abissal da contrariedade  
em avessos sentidos e me acostumo  
aos poucos – muito pouco – com a sensação  
imediate da velhice. Jovem abismo contempla  
a verificação dos números em combinadas regras.

## **A Máscara de Cera**

A lâmina risca a máscara. O rosto sangra  
na ilusão de ser áspera e única. A face  
é sensação onde a mentira se supera  
no encontro. A cera derrete o esforço  
de me fazer ausente no pressentimento.

Acero rosto desproporcionado no instante  
da cobrança. Amo a desilusão da hora  
inexistente e deixo escorrerem lágrimas.

## **A Adaptação da Máscara**

Posso revelar no inusitado do progresso  
o alento pueril da futilidade. Adaptado  
me reporto ao antes e a posteridade  
me habita no sussurrar do pássaro.

A máscara em adaptação acordada  
do trajeto. O transeunte trazido à cena  
se oferece em personagens. Máscara  
o tempo de voltar para casa. Permanece  
atormentado no vazio da sua esperteza.

## **Fingir a Revelação**

O sorriso esconde a maneira simplificada  
de ver a vida escoar. Dedos apertados  
embranquecem as juntas. O sorriso é máscara  
aderente ao inferno – pior – por onde passo

Finjo. Surpreendo a areia desfeita em passos.  
Escondo na revelação a face entrevista.

## **A Insurgência Revista**

Retorno em contraprova e me isento  
do acontecido. A insurgência desdiz  
o esgar em máscaras necessárias.

Avisto o porto e seguro a sua mão. A revista  
cai sobre o colo em tolo sentido ressurgido.  
A insuficiência comprova o crime não acontecido.

## **O Desencontro**

O interesse no desencontro da revelação  
e a máscara: escondo da vista o sentido  
e arrefeço desconhecimentos. No entrevisto  
demonstro arrependimento pelo caminhar  
disposto em segredos desnecessários.

Adjetivo o favor concedido e me desfaço  
em imaginação. O superlativo esconde  
a interrogação e o barulho do avião  
ao sobrevoar a presa é representação  
alegórica da tristeza. Espelho e opacidade  
retidos em situações anacrônicas.

## **A Diversidade**

Sou o tanto encontrado em cada esquina  
e o mesmo sempre que a ocasião faz surgir  
a novidade. Ocaso. Cinzas. Coloridas faixas  
em muros. O sussurro e o ganido do cão  
ao reconhecer na mascara a verdade.

Revertido em ânimos acalorados esfrio  
plataformas e lanço em espaços inacabados  
revelações inauditas. Interditado o passo  
ecoa a revolta. Em casa a certeza do fracasso  
ultrapassa a discussão diversificada de glórias  
não alcançadas. Sou a distração e a confusão  
de horas retomadas em leituras anômalas.

## **A Única Revelação**

Uno: cor levada à consideração do átomo retomo  
o texto em consequência. Tomo como revelação  
o detalhe percebido. Único: ordeno a quem não  
me obedece desconhecer atributos à delicadeza.

Sou indelicado ser: imagem e reflexo. Máscara  
e aspereza. O detalhe e o todo. Reflito mortes  
e entranho vidas. Sou batalha em mim mesmo.



## **Prisão e Libertação**

Estou preso ao consenso. Livre em dissenso.  
Ofereço como prêmio minha decadência. Guardo  
refém a intolerância e a cota prevalectida  
em ganhos. Perco em espaços a magnificência  
da morte corrompida em preços não ofertados.

Na libertação da ação sobre o ato pratico oferendas  
aos deuses não desvelados. Mascaro a dúvida remoída  
em doenças e como melhoria destaco a vida conhecida.

## **A Medição da Máscara**

Arremessada a máscara cinge ares de nobreza.  
Republico o tema em farsa sobre o nada.  
No destacar da página rasgo a palavra  
em versos e recolho pedaços da medida.

Arremesso a máscara e me reconheço:  
a finalidade da plateia no acender das luzes  
e o espanto inicial em me saber gratuito e feliz  
na representação abstraída da vida privada.

## **A Ociosidade**

Privo sua saciedade. Recolho o sono após o almoço e me dedico ao sonho. Peso a razão em miligramas de vontade. Preso no inimaginável aguardo ocioso a interpelação do verbo: aciono o medo e acordo.

De acordo com o discurso ouvido e traduzido em simultâneas facetas tenho medo de não fazer. O medo de não ser. Ninguém a obstruir a entrada. A saída fechada.

## **A Busca e o Recomeço**

Quando você saiu da minha vida fui ao encontro em busca desordenada: revelado na solidão do embate soube do desprezo da máscara pelo rosto desfeito em lágrimas e o sorriso esgarçado do amante desprezado.

O recomeço é a simplificação da ideia de que algo dará certo se encontrado da forma exata. Na exatidão do espelho a máscara se revela verdade. O ato transcende entendimentos. Não existem testemunhas nas versões postergadas.

## **A Revelação da Verdade como Fato**

O fato é que a verdade passa  
e os atos permanecem estáticos  
em cada sequencia acontecida.  
Basta o olhar apressado na cena  
para a certeza da repetição do ocaso.

O fato não se concretiza e resiste  
em relatórios feitos ao acontecido.  
Testemunhas teimam verdades  
e a máscara é prova em encantos.

## **A Máscara Objetiva**

O objeto é máscara colocada além  
do espaço concedido ao corpo com o objetivo  
de enganar a face em olhares desviados.

A máscara transfere a revelação ao âmbito  
estelar das conjecturas e se desfaz no anoitecer  
de dias irresponsáveis: dádivas se ofendem  
com espinhos cravados em objetivos.

## **A Finalidade da Revelação**

A dor é revelação da finalidade. A máscara  
a continuação de algo indefinido na passagem.  
Busco a roda e giro o corpo no espaço. Destino  
na sede de ir ao pote antes do tempo.

Destampo a ciência e vejo fluir repetida  
matéria durante o refazer de modo  
indiferente. Reponho a máscara.

## **A Inutilidade da Máscara**

Identificada na inutilidade a máscara  
permanece inerte. Inexpressiva  
no desmascaramento do ofício. Podia  
ser a intenção a força o esforço o esboço.  
A máscara destitui o rosto ao cansaço.

Vejo em seus olhos o amor solidificado  
em ares de humildade. Despedaçado  
em artes tenho nas mãos a máscara  
como fracasso revelado. A verdade  
estampada em seus olhos.

## **A Revelação como Máscara**

A obediência cega e o desconsolo transmite  
ardores em minhas mãos. Perco o espaço  
e me recolho em insignificâncias.

Fiz minha obrigação e no desfazer do ato  
tenho em mim a máscara – permanente –  
com que me revelo: a incógnita perpetuada  
em versos distribuídos aos ventos.



# tubo dentifrício



*(Arte / Pedro Du Bois / 2017)*





Posso me despir nas evidências  
e na alegoria  
retornar em culpas: ouvir o abalo  
sacudir o sótão e só  
então  
me representar  
em sorrisos.

Antes da finalidade residem estridências  
acumuladas em copos envidraçados  
de seguimentos. O receio encontra  
sua sustentação no medo.

Olho. Sei que a imagem engana o ato  
em ângulos  
conversados. Silencio crimes. Oferto  
dízimos no inocente resvalar dos olhos  
sobre o corpo.

Entrego no sorriso  
a vivência errática  
da soberba: ontem o dia  
transcorreu ares de abandono. Hoje  
limpo o caminho de casa antes  
me arrependa.

(Você sentada junto ao oposto.  
Nossos olhos entrecruzaram companhias  
desaparecidas antes da hora denunciada  
pelo exposto. Melhor que antes: quando

o desconhecer nos permitia  
a inocência da espera).

Malgrado espaço evitado  
em sobressaltos: vou  
embora sabendo  
da impotência.

A marcação determina ocupação: permissão  
pelo espaço dividido entre todos. A mim  
cabe a faixa estreitada na passagem mínima.  
Minha participação inibe sorrisos: sou morte  
acobertada nas entrelinhas de conversas  
fugazes em adjetivos. O palavreado  
amansado ao contexto. Inimizade  
desfeita em díspares sapatos.

Para ser alegre: fruta decomposta  
em suco. Carne assada em temperos:  
vivificada antes da fome. Adormecidas  
folhas recompostas em sais  
e olhos. O fastio amedronta  
o infindável. O sono  
coloca em cheque  
a permanência.

O café aquece o espírito em sonhos  
indolentes: o riso descobre dentes  
acavalados em ruminares.

Manipular: explicar o destino em carta  
arremetida sobre circunstâncias. Matar  
o desespero controverso. Nada aguarda  
a inconsistência: nem a hora  
derradeira  
oferta  
o corpo  
em delírio. O inverso conversa sinceridades.

O sentido começado no entusiasmo  
desperdiça: pontos finalizam explicações.

Sugerir ao despropósito um pingo  
de irracionalidade: retornar.

Saber de cor o trajeto  
perdido em ofertas.

Negar a evidência antes anoiteçam  
dias despreparados em acolhimentos:  
azular paisagens de esbranquiçadas  
brumas: desconfiar da curvatura.

O discurso pontualiza escombros.  
Fala da fatuidade.  
Fatos em imagens indemonstráveis.

Tudo bem: e o amor?

Amo a permanência do esgotamento  
transitado em morros

e baixadas: o amar  
derradeiro mentido  
na finalização.

Sim: e o sorriso? Acentuados  
dentes desprovidos de algemas.

Desferido. Indeferido.  
Aferido. Conferido.  
Desconhecido.

Transeunte na inutilidade  
de se saber  
eterno. Buscar no esquecimento  
a permanência.

Transferido.

Sorriso modificado no entretanto  
dos esgares: ao animal pré-existente  
conceder dentes  
atrofiados em folhas. A falha interdental  
exala impossibilidades.

Lágrimas reaprendem o caminho:  
o espírito desesperado busca barulhos  
de sua permanência.

Campos opostos.  
O significado perdura lembranças  
no nome concedido da temporalidade.



Circunstâncias amontoadas sobre  
a causalidade dos atos: histórias  
intermináveis de deuses inexatos.

Não amedronta o entreato.  
O meio inibe a volta: retém  
a finalidade no espaço: águas  
outras circundam  
pedras. Perdas.

O entretanto busca explicações no feito.  
O feto renasce fora da certeza.

Em terras consentâneas rumam  
passos despercebidos.

Dores consentidas na perda  
permanecem no espectro  
da normalidade: inverso  
do rio  
traduzido  
em acessos  
de ciúme  
e raiva: permanecem os anos  
posteriores.

(Às vezes) o incômodo se limita  
a rondar o esboço. Inculcar  
erros  
ao se abster  
das providências. (Às vezes) o rumor  
se estende em estranhezas. Corpo  
sitiado em camas rarefeitas.

Adito recursos à impassividade.  
Oferto a face. Desdouro honrarias.

Objeto cortante.  
Corte  
O recorte do jornal guarda o passado:  
efêmera notícia na página interior.

O impassível desdobra espaços  
em angústias  
despercebidas: o sorriso esboça  
algo desconhecido.

Ardidura de merecimento. Estampidos  
de olhares. Avivares de receitas: o bolo  
sobre a mesa perdura formas entrevistadas.

A palavra (sim: a palavra  
devaneia escolas) reduz  
a ideia no significado.

Alguns poetizam.  
Certos poetas.

A poesia remonta milhares: percepções  
miram ocasiões. Desvãos preenchidos  
em amares  
e ódio. Cada poeta envolve incertezas.

Descruzar os braços  
amplia o encontro. Avencas  
envasam sobre parapeitos.

Sons providos em ecos.  
Providenciados alardes.  
Alaúde.

O choro carpe universos  
em curtos recados: a palavra  
prenuncia  
gargantas. O gaguejar da terra  
no acolher a ideia.

Desprovidos cânticos ressoam ouvidos  
poucos: a surdez desobriga.

Distâncias respeitam desencontros:  
olham sobre o ombro desfeito  
e se perpetuam. Ontem celebraram



alvíssaras ao futuro. Nada mais  
dizem sobre o tempo. Além da imagem  
reencontram a possibilidade da inocência.

Na continuação do afeto a reflexão  
se opõe  
ao contradito                    escuta alvares  
   em dias acontecidos

objeto recriado na semelhança  
reafirma alicerces  
ante a tragédia.

A mão redobra o cuidado  
com que atravessa a folha  
em palavras.

A altitude rarefaz o escopo.  
Na montanha respostas se abrigam  
em desafios: o olhar descansa paisagens.

O obreiro se coaduna em propriedades.  
Empresta ao senhor o martelo.  
Prega em longitudes a palavra  
não observável  
em definitivo.

De alguma forma o desastre  
desajusta a impossibilidade do retorno.  
Lembranças. O esquecer do momento

ao avistar o ponto inexato. O ato  
concretizado reduz a permanência  
eternizada no paradoxo:

do desastre resta o relato  
testemunhado por acaso.

O medo prevalece no acontecimento.  
Resseca possibilidades no extremo.  
Delimita o verbo empregado: consente  
na inibição paralela do esforço. O medo  
petrifica. Não honra a criatura enquanto  
ser aprisionado: apega.

Elo: luz exteriorizada  
na busca  
da certeza: horizonte  
ao relegar  
tristezas.

O rebuscado item da interpretação  
duvidosa ouvida na revelação.

Pais conseguidos no esforço  
da permanência: imantados.

Porcaria consagrada ao nome: oferenda  
e reforço. Palavras de mesmas letras.  
Sons refeitos.

No término

cartas

reabrem feridas: mortes

consagradas ao futuro.

Imperceptível gesto.

Gosto despreparado em novidades.

Natividade: esboço e rabisco.

Autores desenvolvem ideias consentidas.

Repetência: o pombo aguarda a noite

depositada no umbral:

anilhado no conhecimento

de ontem.

O desenrolar da história possibilita

a dubiedade

da interpretação: atores revoam

cenários empapelados

em exteriores: o pombo aguarda.

Sobre augúrios escrevem crenças.

Ao desmerecido restam números

disparatados. O revoar do pombo

entardece a morte: o pássaro

aguarda no descortino

o espaço da amurada

ante a improcedência.

Sobre angústias renascem oferendas  
de palavras desditas pela idade: idoso  
conformado em passos: erros conduzidos  
no abraço de despedida.

A miniatura sugere perda: enlouquecer  
ante o sobrescrito cifrado  
nas lágrimas de permanência.

O fato deduzido das amarras  
abarca solitudes. Nunca antes  
- ou desde ontem –  
algo ou alguém  
foi solicitado em evidência:

a perda se concretiza no aforismo  
- verdade existente entre pares.

O animal amarrado desiste no cansaço.  
Na habitualidade de apertar o pescoço.

Vozes ordenam.  
A mão incita o corpo ao combate.  
A corda aumenta a pressão.

O animal resfolega sua natureza.  
A voz na crueza do couro sobre o corpo.

A corda arreventada sugere a perda.

(Amores transitados julgam processos  
destruídos em provas no descompasso  
de olhares resfriados no espaço  
e da distância coerente no desenlace).

Marcas registram inconstâncias.  
Na inconsistência o labor deteriora  
os ingredientes.

(Amantes elaboram planos  
de desencontros: efêmeras criaturas  
disponíveis).

Depoimento impessoal.  
Aceitar de bom grado o desfiladeiro  
enfeitado em pedras e o abismo  
sonhado. Soslaio.

Garantir no riso a jocosidade gestual  
atrapalhada em novidades: repto  
repetido na continuidade.

No apreciar as boas coisas ficar  
repartido entre guloseimas e aromas  
exóticos no ângulo geográfico disponível.

Dos corpos dizer inverdades  
de alturas e profundidades.

Em evidências perscruta na autoridade  
sua natureza: redescobrir a possibilidade  
dual na indiferença em que se multiplica.

Sendo sua apropriada bifurcação  
não me reside escolhas  
nem perdas  
nem sensações.

Avessos condicionam cantantes  
vozes: mortos perenizados.

O padrão inexistente  
na reposição: empresta  
no sentir  
a novidade traduzida  
em novo elemento  
a condicionar  
extratos. Sento e observo  
a ternura incipiente  
de feras decorridas.

Minha é a essência. Cardume  
e floresta.

A pedra abrutalhada em montes  
permite o caminho  
indivisível: foco  
os pés no canteiro.

Impaciência traduzida na escuta.  
Dores medicinais: pronto  
atendimento.

Escrever até a última palavra  
esquecer o significado  
descolorizado  
no dia  
em ausência: sem que o som  
se sobreponha  
ao espaço. Na revisão  
do dever estabeleço parâmetros  
fossem iscas e vergonhas.

O não resolvido é a constante: cálculo  
e obstáculo na continuação do enfoque  
além do destempero: não saber  
do efeito reduz a angústia:  
demove o senso de justiça.

Não sou a capacidade da luz  
ao entender partes desconexas  
no problema relatado.

A relatividade do esforço  
não rompe o equilíbrio: cerca a causa  
no desespero  
por se saber  
coisa e evento.

Especiarias traduzem lugares: cravos  
e crisântemos. A obviedade reduzida  
no nome. O nono mandamento  
exemplifica o que não lembram.

Especialmente preparado o passado  
se alimenta: escolhe o trajeto  
largo. Viajar concede ao tresnoitado  
a impossibilidade do regresso.

Cinco pássaros enegrecidos  
projetam  
três moços obstacularizados  
em escuras lentes  
procuram  
sem número de vezes  
familiares  
perdidas contas.

A unicidade resposta obviedades  
na armadilha fechada  
das amenidades.

Supor a embarcação aportada  
no mínimo esforço com que ferros  
trazem o prisioneiro na legitimidade  
do encontro: recursos aduzidos  
em profissões de fé auto declaradas



no exercício  
libertário. Predispor âncoras levantadas  
no tempo anterior da jornada  
descoberta ao insensível: a voz  
ainda viva da criatura  
murmura arrependimentos.

Obrigado ao desconsolo do vento  
sobre o pano: escuto vozes  
em amenos dias anteriores. O personagem  
ressurge ante  
a impossibilidade  
do retorno. Um filho  
ameniza a exterioridade  
da estrela. Não posso alimentar  
a incerteza do horário realimentado  
no ordenar que me abrigue  
e me obrigue: abrigo  
feito em páginas  
reescritas no sabor  
do vento enquanto  
desobediência.

Desvirtuar o planeta em primeiro espaço  
no aguardo  
da estrela se desvelar em luzes: gases  
e poeira.

No primeiro momento antes  
de o acontecido ressecar o pranto  
e o piano  
expor vontades: martelar  
o inconsciente  
na água  
do banho  
ultimado. O ultimato reconhece  
no inseto a efemeridade oferecida  
em gerações sucessivas.

Espremer o tubo no restante exposto.  
Quase nada.

Nenhuma força é capaz de trazer  
na vista  
o que contém  
em si. Mesmo assim conservar  
o objeto até a próxima  
necessidade. Descartar  
o vazio em rótulos  
de novidades



# LEVIANA HISTÓRIA DE UM SENHOR URBANO

*(Gare calçadas série PFundo/2007 de Ester M. Silveira Basso/)*



## **1ª. ETAPA – ESSENCIALIDADE**

Início: a configuração da fotografia  
e da filmagem. Sangue perdido.  
O corte. A insensibilidade  
do corpo.

Mais nada.  
Além do choro vigora

a possibilidade do retorno.

Então. É tarde.

Ser observado em ângulos  
de sobrevivência. Imergir a pele  
em tépidas águas. Ter negado  
o alimento. Peso e altura.  
Confrontações.  
Medidas.

A roupa cobre o frio restante  
e a memória apaga o interior  
do corpo. O espírito respira  
consequências.

Os olhos inchados  
retêm a escuridão: vultos  
vagos  
sombras.

Mãos deslizam unhas sobre o rosto.  
Dói o arranhão.

O choro em convulsão  
repete o sufragar do líquido.

Seco tempo em reencontros.  
Restam descobertas. Os olhos tentam  
aberturas.

Ser alimentado. A primeira necessidade  
exteriorizada. A luz apagada  
gera o início  
do medo: não enxergar  
na voz o contorno.

Refluir o alimento: arrotar.  
Saber-se quieto  
e satisfeito. A satisfação  
diminui o desalento ao ser colocado  
no berço esvaziado do reconhecimento.

O corpo toca o frio aparelho  
de escuta. O corpo apalpado  
em todas as juntas.

O choro na histeria  
da desnecessidade: abandono  
na recuperação das mãos  
que o guardam.

Por necessidade  
chove: restam lágrimas  
de decompostos futuros.

Historia a vontade de ser tratado  
como gente: aponta a vontade.  
Aporta a verdade. Perde a visão  
no detalhe e se habitua.

Quando do nascimento incorpora  
famílias. Refém do acontecido.  
A genética em pequenos gestos  
dos menores detalhes: a cara do pai  
as orelhas da avó  
o esgar da mãe.

Os olhos aprofundados dos recém  
retirados ao convívio na consequência  
parasitada.

Na velhice explica a deslembração  
pelo medo de repetir em palavras  
a desnecessidade de estar avivado: fogo  
e água.

Repete ditos populares  
e demonstra teses: academiza  
gostos na hora finalizada  
ao estado de espírito.

Suas divindades remontam cenas  
de superfície: submerge  
em retratos.

Riso: reconhece aqueles que o cercam.  
Desde a infância  
desde a juventude.

Quem trabalha arduamente  
tem por recompensa o descanso:

traço  
troco  
retoca a imagem. Ante  
o reflexo desconstrói o todo  
em que se repete.

Seus pais retratam o país onde nasce.  
Retém fronteiras: espaços vagos para sempre.

Sempre quis ser a igualdade  
transmitida em flâmulas.

Nunca repensa os óbices  
guerras e mortandades.

Alimento pátrio: desfiles  
e bandeiras.

Aprende desde sempre  
a cantar o hino. A cantar hinários.  
A inalar incertezas em dias aparentes.

Nega a objetividade dos nomes  
apropriados aos mitos. Seu medo  
perdura recompensas: solicita.

Pedido esvaziado ao cronológico.  
Desabita espaços: ontem apropriado  
corpo: hoje desfia recordações.



Desfaz nomes nas letras soletradas  
dos desprazeres: cresce o suficiente.

Cede decisões aos deuses. Implora  
perdões. No acúmulo do conhecimento  
trabalha certezas. Em cada sinal  
demonstra tristeza.

Decide por si  
e pelos seus  
deixar o dito  
pelo não dito. O feito  
em fastio. O defeito.

O erro decompõe fórmulas anteriores  
de convencimento.

Vontade expressada em palavras  
reconhecidas em gestos.

Ao terminar o discurso  
encerra a partitura  
pendendo lentes  
no contato.

Sonha em se transformar artista  
sobre o fogo: retirar do coelho a ironia  
da cartola. Mexer o irrealizável  
e fazer de conta: espicaçar adversários  
e ouvir atrás das portas as descobertas  
do dia seguinte. Sonho desfeito.  
No trabalho apreendido e nas portas  
fechadas contra o ar  
espirrado da montanha.

Em besteiras  
gasta o dia.

Usa o ano em divagações  
barateadas: arruma  
emprego que não serve  
para nada.

A conta da energia vence  
e não é quitada.

Cada semana sonha  
viagens indiferentes: sai  
de casa nas sextas-feiras.

A busca da escapatória dura  
o quanto  
necessita de novos  
espaços. A preferência pelos mesmos  
lugares: ver as transformações  
se concretizarem  
em falsos tombamentos.

O emprego duradouro na falência  
e o reinício em funções menores.

Escapar é negar a proximidade  
do engodo e a graça de viver  
na inocência despida em horizontes.  
Ouve no noticiário  
sobre reis e rainhas  
reunidos em casamentos.

Sonha realezas  
e castelos.

De manhã conta o sonho  
ao pai: ouve a mãe suspirar  
cozinhas e limpezas.

A irmã se diz principesca.  
Ele desconhece o significado.

Para si  
(repete)  
bastam ocidentes. Nada sabe sobre  
o japonês e a china.

Assusta-se com a figura  
do elefante trazido pelo circo.

Amedronta-se com o olhar  
da trapezista.

Acidenta-se entre quatro paredes  
e passa a convalescência  
diante da janela: o leão urra  
na passagem. A trapezista  
não participa do desfile.

A doença atrasa sua vingança: encerrado  
em si perde o controle.

A inépcia com que alimenta  
abstrações na seriedade obediente  
do domínio paterno.

Ouve crianças brincar na calçada.

Descalço arrisca passos  
sobre a cama: o ranger das molas  
instrui o pai do atropelo  
e castigo.

Descobre-se apaixonado.  
Não conta para ninguém.  
Escreve seu diário.  
Não encontra assunto  
para preencher as folhas.  
Arrisca poemas. Desiste  
da sua paixão: amanhã  
quem sabe  
tentará novamente.

Desiste do diário. Restam folhas  
brancas retidas na inatividade.

Desperta: o dia se faz claro  
e o ser renovado  
sobrevive  
na quantidade  
ofertada.

Ontem esteve ausente.  
Ontem fez de conta.  
Ontem honrou pai e mãe.

Oferece-se em consentimento.

Concorda.

Busca no sorriso a aprovação  
da palavra deliciada nos ouvidos.

Olhos fogem ao interlocutor.

O silêncio espalha o medo  
de não ser recebido.

Desde logo refuta incertezas  
com esperteza. Burros n'água.  
Em bares e mesas chora mágoas.  
Encharca copos e se desfaz  
em impropriedades. Nada  
que não se regenere. No primeiro grito  
esconde o rosto entre as mãos  
e se diz inapropriado.

Quando menos espera  
sonha loterias  
prêmios  
debêntures.

Ama e é amado: número  
desprezado em pares.

Se desfaz no todo  
e conclui em sustos  
a desnecessidade  
de permanecer avivado.

Fogo de palha.  
Adjetiva inimigos  
e contêm o ímpeto.  
O impacto demonstra a queda.

- Ouve conselhos reabilitadores  
e pensa pagar o apego  
em prestações abruptas –

Fogo espalhado vê  
o desinteresse assomar  
inconsequências:

    a soma – dizem os sabedores  
    da vida – é maior  
        que todos.

O consultório  
acessível  
em rápido  
elevador. A portaria escurecida  
em ultrapassagens.

A secretária inquieta os candidatos  
ao milagre: a ciência remete  
o futuro em químicas e fisicamente  
fragilizado o espírito se debate  
em conversas fora de hora.

Tanto faz  
pensa em desconsideração:  
    avio a receita e desvio  
    o caminho em falsa incerteza.

Pela janela do ônibus  
segue a paisagem: ruas e casas  
                  estradas  
                  margens  
          lavoura e gado  
          água e árvores.

O pássaro acompanha o carro  
por instantes: desiste  
ao ver os olhos do homem  
perseguido o nada.

Não sabe dizer das noites  
de calmas luas e estrelados espaços.  
A tosse persiste em manter o cansaço.  
A luz difunde a impropriedade  
do dia estacionado em febres.

São dizeres. São ouvidos.  
São silenciosas noites  
          em acabamentos.

A juventude em desafios:  
desfeitas brigas  
          desnecessárias atitudes  
          na afirmação do desconhecido.

As infiltrações  
e os filtros dos cigarros.  
          A certeza de que o saber  
          desconhece a necessidade.

O choro: em cada esquina  
a escolha deixa lágrimas  
imprevidentes. Tanto pensa  
possibilidades. Quanto  
se refaz em concretos atos  
de ansiedade. Chora antepassados  
e futuros. Derrama lágrimas  
enquanto filmes colorem a insaciável  
condição de estar perdido  
em falhas inconclusas.



## **2ª. ETAPA – NECESSIDADE**

Vem na naturalidade dos acontecimentos  
em que é feito. Em pedaços adultera  
sua permanência. Na impertinência  
revolve o caso.

Sobre o solo renascem plantas  
danosas ao solo. Sobre a mesa  
repousam restos.

Em si mesmo observa  
a obra. Não há crítica  
em seus olhos.

Ninguém ajuda. O trajeto esvaziado  
em cantos: canções popularizadas  
em indiferenças. Ninguém pergunta  
pela possibilidade. No amanhecer  
descobre a queda. No anoitecer percebe

ser a queda o retorno. Cantarola banhos  
suspensos em espumas: a água esfria  
a necessidade do contato e o extrato  
permanece na pele.

Corre o sonho debaixo da perspectiva.  
Vive a insuficiência.  
Concede ao ladrão a oportunidade da rapina.

Esbulhado em atrasos  
solta os laços e se descobre  
linha realimentada ao novelo.

Sua caverna prescinde marcas regulares.  
O caminho inexistente na tentativa  
da partida.

Considera ontem  
hoje  
amanhã

frágeis referências não elucidativas  
do trajeto: repetições demonstram

ser no espaço o ínfimo ocupante.

Questão na prática: a janela da área  
de serviços serve para a visão  
do corpo avizinhado.

No prédio ao lado identifica  
a sua solidão. A vizinha termina

seus afazeres e retorna o corpo  
ao apartamento.

A imagem perdura na solicitude  
da palavra presa entre roupas  
dependuradas em varais.

Frequenta a religiosidade dos pais.  
Olhos fechados imagina o castigo  
pelas faltas cometidas  
na anterioridade. Regride ao âmago  
esvaziado de impropriedades.  
Na roupa composta de solenidade  
desencontra bolsos e laços. O sapato  
escurecido em tintas.

O cabelo despenteado ao vento  
traz lembranças da materialidade.

Menos da metade na trajetória  
interrompida. Coração partido.

O anúncio da sobrevivência  
em cidades com mais de cem  
mil habitantes.

Porte medianamente apostado na serventia:  
a interrupção do corte  
e a não penetração da lâmina.

Voltar do hospital abstraído na parte  
essencial da vida o faz leve  
e ausente em conselhos: vende  
a sorte. Grande engodo

na mão que suplica trocados  
na visão embaçada em reconhecimento.  
No grito aprisionado das chamadas.

Chapeuzinho vermelho ofertada  
ao lobo mau pela avó: o caçador furtivo  
acerta o preço  
pela presa.

A fotografia sobre a cama  
guarda a infância.

Apaga a luz  
e se apegas  
ao mistério.

A inexistência reflete imagens  
inaceitáveis na concordância.

Horas são futuros espaços  
percorridos em lágrimas. O passado  
sorri impropriedades. O cansaço  
abate a desonra:

dormir remedia a prescrição  
inepta do aconselhamento

sobre o que é dito  
em voz alta  
nomina a ingratidão  
e a desforra.

Basicamente a casa com jardim  
e horta

o galinheiro  
e a gaiola

a gata  
e o cachorro

árvores exóticas adubam  
o solo em cada inverno.

Goteiras  
janelas mal fechadas  
o portão de ferro.

Ser quem não melhora  
na insistência  
pela manutenção  
do erro

ilusão cerceada  
em horas  
não decisivas

mentira repetida  
em letras garrafais.

Após  
e agora o sortilégio profana  
terras conquistadas  
no sacrilégio da linguagem  
inscrita em desafios.

Ante  
e anti a memória iguala  
a oportunidade do reverso  
no regresso além.

Susto  
e apatia ao amanhecer em cobertas  
no momento inexato  
em que acorda.

Ter a impressão da serventia  
e da utilidade.

O contracheque  
e o lucro contabilizado  
na espera.

O imposto recolhido  
a taxa configurada  
a imensidão da contrapartida.

A inutilidade contestada em músicas  
e o computador banaliza totalidades.

Hospedado em faz de conta  
conclui a lenda. História igualdades

e deixa cair o corpo no entorno  
da salvaguarda. A solidão afigura  
à porta e se dispersa em passos.

O odor da serragem  
na terra molhada.

O cheiro do ferro retorcido  
em migalhas: hóspede em si  
ensimesma o depoimento  
em acusações  
e reticências.

Ainda constrói. Atemoriza.  
Desdiz.  
Sabe acontecer a metade  
do naufrágio. Procura palavras  
significadas  
na vontade trazida  
pelos antepassados.

O som é outro  
desconhecido em oferendas. O galo  
materializado em barro resseca  
a amora onde não se anuncia.

Dói estar presente.

### **3ª. ETAPA – COMPARTIMENTO DE CARGA**

A certeza da vitória afasta probabilidades.

Aos amores são concedidas  
virtudes. Paciência.

Aposta suas fichas.  
Aponta suas flechas  
Redescobre a boa vontade: remete

seus demônios ao espaço desocupado  
em mentes. Mentiras frutificam venenos.

Na derrota o ressentimento  
ultrapassa o medo de voltar  
para casa: mãos esvaziadas  
em promessas.

Fatores descombinados em acertos tradicionais  
nos elementos buscados ao pé da letra: ontem  
o tempo passado em exemplos. Hoje  
o agora se multiplica em dizeres: amores  
e desamores.

Ao futuro os pertences se desorientam  
e a calma  
atormenta.

A inexistência da guarda: propósito  
do esquecimento. Carrega a ilusão  
e o despropósito.



Na revisão das tarefas  
agenda a continuidade  
do descarte: habita  
a inexistência do que guarda  
em concordância.

Nada é oferecido  
em troca. O pagamento  
enlaça as partes: entrega  
e preço.

Depois: olhares  
se afastam em cidades  
diferenciadas.

Na indiferença é tardio  
o adjetivo e o oferecimento  
soa ofensivo.

O homem carrega a sacola repleta  
de livros reescritos: sobre a primeira  
história  
historia a segunda  
sucessivamente. O peso dos anos alivia  
os livros das novidades: não está aqui  
o desdobramento do poema e a prosaica  
escrita restabelece a revisão dos fatos.

O homem ensacado em mortes dispensa  
a leitura da última página.

Plural: particular exercitado  
no limite da imprevidência  
finaliza a soma.

Multiplica

o compromisso e se deixa levar  
pela admiração. Assiste no filme  
a cena entre o vilão e a mocinha.  
Apaixonado pelo diálogo na reprodução  
de dias recorrentes. Singulariza  
a oportunidade e a moça o deixa  
falando sozinho. Paga a conta  
enquanto são apagadas as luzes.

O erro reside em acompanhar a vida  
pelos dias revividos. Acrescenta  
oportunidades  
e deixa passar  
o ócio.

Entediado. O filósofo repete  
em novas palavras a sua velhice.

Simplifica em termos  
eternizados o que não foi  
dito.

Está nu. Está nua.  
A cama classifica o sexo  
em poesia e discurso. Exercita  
o cotejo: lutam virtudes.

Despidos dos preconceitos  
finalizam o momento  
da refrega.

Agradecem pelo espaço  
encurtado: corpos  
trespassados depositam  
sentires. Vestidos  
no cordão da calçada  
não repetem os nomes.

O escritório ilumina a noite.  
Esvaziado das atividades.  
Repleto em cestas de lixo.

Monitores desligados permitem  
a opacidade do propósito nos arquivos  
desarrazoados em promessas. Futuro  
vislumbrado em janelas envidraçadas.

A faxina refaz o caos  
antecedente ao expediente:

o olhar adormecido do vigilante  
deduz em sonhos ações equivalentes.

Ganha os filhos. A família somada  
em necessidades. A propositada mão de obra  
e o ressurgir da mulher atarefada em dias.

Nos registros demonstra  
o nome surgido. O nome  
sugerido agrega  
a inutilidade  
do reconhecimento.

Perde os filhos em tarefas  
inacabadas. A mulher cansa  
da responsabilidade. Ser  
escondido em vaidades.

A família desfeita  
em impossibilidades.

Afina as cordas  
sustenta o arco  
empunha o corpo  
desfia a dor.

Busca no escuro da plateia  
a contrapartida: o silêncio  
exemplifica a tristeza  
na continuidade. A seriedade  
desdobrada em acordes.

Agradece os aplausos  
em inclinado corpo.  
Olhos fechados.

Aproxima a imagem e se reconhece  
na inversão do corpo. Mãos enlaçadas  
no peito. Olhos fundos. Ricto  
aprofundado no dia começado.

Desliza a mão ao encontro  
e desfaz no vidro o conteúdo.

O engodo reside no engano.

O engraçado

(reconhece)

é ser o mesmo

desde sempre.

A xícara o prato o garfo a colher

o líquido

a torta

a toalha

o guardanapo

o fazer de conta.

## **4ª. ETAPA – PROPÓSITO**

Almeja o alvo alcançado  
em orações: transporte no horário  
das partidas. O estabelecimento  
do roteiro retilíneo e o som  
inaudível dos significados.

Aventura promessas  
descumpridas ao vento.

Tardes ensandecidas de calores  
e noites resfriadas em sonhos.

Reconhece seus pais.  
Ama sua mãe.  
Alimenta-se do que lhe oferecem.  
Ora desenganos pela noite.

No despropósito da dúvida  
acredita.

Desconhece a impossibilidade  
de desviar a trajetória: anônimo  
condutor do rebanho ao abismo.

Na concordância de eventual  
certeza  
dúvida.

A voz  
diz o ininteligível.  
Refaz caminhos em explicações.

Reconta o espaço ocupado  
em construções anteriores.

A conotação arbitra  
vozes na inconsequência  
dos gestos: restante  
feito esforço  
afeito ao esboço  
(im)perfeito.







*(Arte: Mapa de Letras/Liane Maran/2007/Muro Brahma/Projeto Passo Fundo)*



Infindo. Chamo o tempo à responsabilidade.  
Sem resposta insisto  
    invisto  
    minha crença (enquanto  
    o dia permanece) no despropósito  
    de ser início e finalidade do ofício.

Espero. Os sons imaginados  
no recuperar do espaço  
a fração me concebe  
em espécie necessária.

Na reincidência aposto afastamentos  
em reinícios. São pesares passados  
e a dúvida: tenho o amor declarado  
em atos de convivência e não renuncio  
ao reencontro. Sou fantasma  
assombrando incautos espaços  
preenchidos em risos e cantorias.

A finalidade intraduzível  
na criança que me retorna no tempo  
de origem: glória ofertada  
    ao moço  
    no remoçar  
    a contenda  
    a ser produzida.

(Do choro abstraio a dor induzida  
em distanciamentos e contemplo  
a sobra no desespero da hora  
interrompida).

Reverso e anverso escoo minutos  
acondicionados em terras percorridas:

o amor conduzido  
à extremidade bastante  
no recolhimento dos amantes.

Faz-me arriscado ao sentimento  
e desliga-me do tropeço. Tanto  
faz ser eu mesmo e o oposto.

A incompletude minuta  
contratos incobráveis.

Não morro ao anoitecer estrelas  
e asteroides confundo-me em imersas  
vidas sucessivas. Renasço  
no acontecido: ideia  
irremediável do não havido.

Amor inconfundível: pátria e fronteiras.  
A recorrência: em frente ao templo conjugo  
a contemplação dos fiéis. No desengano  
procuro a incerteza do descrédito.

Acerco-me em providência:  
do que me resta  
        resto  
        o rosto contra o vidro.

Na chuva da madrugada  
deixo molhar o corpo indefeso:

        durmo a concretude da inexistência.

O sonho irrealizado em táticas  
de recompensas. Estar só  
na in consequência do estado  
de espírito. Observo a água sobre  
a terra concretada. Lixo revolvido.  
Papéis flutuam temas decantados.  
O cão sob a marquise. A luz  
apagada no reconhecimento sustenta  
a escuridão do acobertamento.

Escuto a criança: nome e origem.  
Repete cantos no linguajar  
ansioso de quem aprende. Conquista  
a sensação da descoberta e se insere  
passo a passo: chora  
a criação da personalidade.

Hora repleta de encontros atávicos.

Listo afazeres dos quais me desfaço  
em trabalhos executados ao saber  
do instante. Amo e me apaixono.

Resolvo o enigma.  
Desmagnetizo o corpo  
no delírio da hora estendida.  
Rearrumo os afazeres em diárias  
indumentárias de não fazer:

armo a sensibilidade dos olhos  
ante a realidade na paixão consumida  
em cada minuto sobrevivente.

Não tenho razões  
para a inveja no desgosto  
de ver o corpo tragado pela superfície  
e a luz acesa.

A distância inexplicada do gesto.  
A luz conduz o espírito à noite.  
A luz apagada.  
Abranjo a verdade - minha oportunidade –  
circunscrita na veleidade. Completo o espaço  
esvaziado: sugiro ao reflexo interromper  
a sombra na hora correlata da esperta forma

maneira  
(jeito)  
junção  
em estar e negar o acompanhamento

Aonde desencontro a função  
disposta em alamares: póvo  
envolvido em águas. A rede  
retira o movimento. Ter  
o presente como garantia  
e a saliência divide o parapeito  
do lado de fora. Ajusto o termo  
significado em provas recorrentes.

Busco a fertilidade em mulheres  
estéreis: ofereço o renascimento.  
Riem crueldades. O desespero enreda  
o caminho. Mulheres renegam respostas.  
Não há o filho esperado em reencontros.

Não é difícil aceitar a terra

na ingratidão da partida.

Organismo vivo  
entre orgânicas  
formas: diminuo  
a estranheza  
e verifico a postura  
do ataque. A terra  
esteriliza a soma  
das obviedades.

O barco sucumbe  
à calma. A fome  
revista os porões. Grito  
salvaguardas e aquele  
que divisa nega  
a finalidade.

Não aprofundo  
águas rasas.

Resto na esperança  
do reencontro  
com a tempestade.

Vejo a longitude  
de onde amo  
o passado aflito  
na contração do corpo



confesso não haver pecado  
ao possuir o espírito sob guarda.

Os olhos fechados  
contém a imagem  
da solicitude.

Sorriso o descabro  
de estarmos juntos.

Versos empilhados  
em folhas diversificadas  
respondem  
pela convivência: o poeta  
traduz insignificâncias  
irresolúveis em questões  
anteriores. Evito  
o encontro entre paredes  
incompletas e espio  
o lado de dentro:  
o poeta escolhe  
a forma da partida.

Por vezes confundo seres na paisagem  
e o jacaré levanta voo e cai flechado  
sobre o pássaro: nada me repõe  
nos lugares da infância. A revolução  
perpetua a necessidade da maldade.

Uma vez por semana a hora  
sofre redução e perdas: o telefone  
toca interferências e na voz  
entrevejo o mês subsequente  
por estar comigo.

O branco encobre o que foi apagado.  
O tempo inteiro: fosse o espaço  
a metrificação de algo inatingível.

A imobilidade das bordas.  
Na infinitude desconsiderada  
dos sistemas a luz inercial  
se afasta em velocidades  
de desconhecimento.

Programa necessário ao enredo.  
Artistas.  
Quem dirige  
o produto em busca  
de auxílio financeiro.

A cena editada revela  
a igualdade na ideia  
e revisão do texto.

Desprogramo a ideia  
e apago as luzes do palco:

o aplauso negado  
se reproduz no silêncio  
das horas encerradas.

O que acontece na ínfima parte  
em que o adjetivo rouba ao substantivo  
a concretude da palavra: emparedado  
verifico o cerco se completar e desligo  
o verbo ainda não acionado.

Às vezes a solidão  
é caminho: transeunte  
percebo atos acontecidos  
sem minha interferência.

Gozo o anonimato  
e me refaço no imaginar a vida  
defronte às casas.

Passos apressados procuram  
chegar mais cedo: banho  
comida e televisão. Vagas  
palavras de carinho e a soma  
das responsabilidades.

Encaminho minha solidão  
ao tédio: séries televisadas  
repetem a estrutura

de horas recomeçadas.  
Esvazio gavetas. Cesso  
movimentos. Debruço-me  
sobre a hora da partida.

No meio  
o tempo a tudo  
espia  
e sorri do meu alento.

Ao malefício ofereço  
em desagravo o restante  
corpo: a idade ultrapassa  
limites na senilidade. Vejo  
a hora incompleta do percurso  
na distância percorrida. Longe  
a infância faz falta. O subtotal  
no serviço executado em etapas.

Sou destroços reagrupados  
na diversidade das formas  
perseguidas.

Independência e apreço: desmistifico  
a influência do cotidiano.

Arranco ao dia  
a convivência  
e o conluio: livre

antes da hora usufruo o medo  
na impossibilidade.

A vida é armistício em segmentos.  
Sigo a sina por ruas conhecidas.  
Ofereço-me ao tráfico de veículos  
circulando avenidas. Colho folhas  
nas alamedas em invernos. Minha  
guerra interrompida: amo.

A percentagem dos erros  
incluídos na sequência.

Avisto a bandeira esbranquiçada  
das horas paradas: minha vida  
no incessante recolher os corpos  
e curar as feridas.

A contagem do infortúnio  
na repetição da perda.

A inconclusão dos olhos:

ter na hora inimiga  
a desconstrução do dia.

Cada vez  
mais  
cedo.

A transformação do senso.  
O consenso reformado.  
O dia chora o espaço

Dispensando adeuses  
na insignificância  
dos ensinamentos

atávicos  
e refratários.

Na caminhada desmonto  
mitos e me reduzo  
em cidadelas: desarrumo  
altares e não me ofereço  
ao sacrifício.

A gênese recusada  
do conhecimento  
ensina a atração  
pelo medo.

O espaço  
o espelho  
o espantalho

o elo comunica vidas  
intercaladas: objeção à coisa  
no corpo transferido.

O vazio concretizado em mito.

Sangro o corte: antes  
e depois.

Minha hora  
totaliza a incerteza.

Escuto o som preso no andar  
do carro: a substituição  
etimológica da coisa  
em objeto.

Sangro minha morte irrealizada  
pelo temor: o medo enraizado  
rebrotava vidas concedidas.

Sextavado tempo que me oferece  
instantes: não a reprovação  
em passagens. Arbítrio  
pendente em horas vindouras.

Não estou aparente ao futuro  
na recriação do átomo

em matérias estratificadas.

O fragmento da palavra  
    ecoa  
        diversidades: feito  
    o efeito da pedra  
        cinzelada. Inoportuno  
e desfeito em imagens  
descontínuo o interesse  
e me faço amorfo  
desenlace: o jornal  
não diz da partida. Papel  
reservado em notícias diárias.

Uns passam o tempo  
na exemplificação da raça  
uns gestam o tempo  
exercitando traços  
uns aproveitam o tempo  
e se desfazem

    uns acompanham o tempo  
    em cores diversificadas  
    uns confirmam o tempo:

        chuva e trovoadas  
        temperatura em declínio.



Uns não estão nem aí  
porque o tempo urge.  
De dias anteriores de honra e glória  
restam placas comemorativas:

nem o homenageado  
nem a autoridade  
nem a longitude  
e o meridiano

completam a hora  
dividida em quartos.

Coloco sobre a mesa  
a escultura da mãe desenhada.

A frieza do metal  
destaca o ricto: rosto  
indefinido. Mãos carregam  
o filho desnaturado.

Coloco ao lado da estatueta  
a revista recém chegada.

Novidades distraem  
meus olhos.

O barulho ensurdece meu silêncio.  
Penso o final da hora: dispenso

o tempo recriado  
em estrito labor.  
Trabalho  
a suficiência de reconduzir  
o juízo ao término da incidência.

O barulho permanece em meus  
ouvidos: sons referidos nos dias  
restaurados. Minha surdez  
reclama o silêncio  
                  inalcançável.

Sou tarde demais  
demasiado estanque  
deixo em horários a mentira  
do que sucede ao regresso.  
    Afronto a totalidade  
    e me retiro em quartos  
                  de horas.

Minha aposta tem a probabilidade  
dos espaços: luz amortecida  
em imagens enquanto em palavras  
receio dizer da impotência  
a que me sujeito enquanto espera.

Antigos ritos descrevem ventos:  
ínfima forma do sustento  
no trajeto apropriado em desalento.

O vento abriga a infinidade  
transmitida em recorrências.

O rito substitui a realidade  
fantasmaagórica do incidente.

A luta entre espaços  
na volta completada  
em ares de novidades.

A crença é refúgio  
refugio  
jugo e contraste. A inocência  
acredita na similaridade dos corpos  
tementes aos dissabores. A amarga  
visão repetida em horas.

Conjugo verbos no acionar  
a sucessão das etapas: o pulo  
do gato.

Como crença divulgo mal estares  
desacostumados à normalidade.

Faço a comemoração  
de mais um aniversário. Adverso  
ao tempo recomponho os pés  
na cadeira.

Descanso o corpo no elemento  
catalisador das promessas  
de permanência

e  
vejo  
os amigos  
(sendo) deslocados  
em paralelo.

Signo: extremidade da corda.  
Maneira como me escondo.

Farsa e máscara. Necessidade  
de me saber sobre a hora  
renunciada.

Repenso o dia (adio)  
da chegada. Outros virão  
no desencanto e me dirão  
certezas. Respondo silêncios.

Não me importo em adiar  
a decisão: na indecisão reservo  
a concepção do tempo. Início  
e fim. Contemplo a tarde  
esvaziada em ventos. Respondo  
ao dia (adio) a data da chegada.

Desde o começo o organismo exige  
sua recomposição. Alimenta o corpo  
onde reside. Mantém a sobrevivência  
em cada etapa. Estapafúrdio modo  
de se fazer presente em reproduções.

O começo na origem  
da sobrevivência: escolha  
da montagem e a estalagem subsidiária  
em ares: águas descobertas na face.

Não me faço semente.  
Somente ausente  
na distribuição do espaço  
no vago rumor  
que determina.

Não germino. Escrevo  
a história descontada  
em atos de bravura.

A rapidez me ofende.  
Não totalizo instantes  
nem os ordeno: compenso  
a aridez do corpo em dialéticas  
formas de acobertamento.

Emblema consumado em rota bandeira.  
Lema. Lance.

Leve exercício  
de suficiência: o encanto encobre  
o trajeto. Volto em mim  
(as vezes) no vezo decorrido.

Trago o que me foi ensinado antes  
do aprendizado: medo de ter o tempo  
não decorrido em outras pátrias.

Nominadas as coisas se recusam  
ao retorno: na volta do planeta  
asseguro o resguardo do que é  
feito ao acaso. O amor interminável  
indetermina o signo. O nome recompõe  
a forma e o formato se repete. Inconsciente  
guardo o ente desintegrado em nomes.

(Tenho decepado  
o dedo indicador  
da mão esquerda)

Sem a indicação precisa  
da distância erro trajetos.

Desfaço mapas emaranhados  
em caminhos: conheço  
a terra em depressões  
e morros. Curvas                      retas  
na composição das pontas.



Avio a receita na incerteza  
de que o tratamento cure  
a instância em prerrogativas.

A palavra esfolada  
em pedras destinadas.

A hora marcada  
impede a fila  
conformada em tédio.

Não a completa  
não a reduz  
não é consequente ao ato.

A prática na possibilidade  
do tempo folheado  
em revistas antevistas.

O silêncio da conversa  
despretensiosa  
entre desconhecidos.

- Amor permitido  
na continuidade.

Amo o despropósito de estar ciente  
na necessidade. O verso em voz baixa.



A similitude do sorriso adiado  
em impropriedades.

Declaro amar a possibilidade de ir  
embora deseje permanecer isolado  
ante a concretude do ensejo.

- O aprofundar da consciência  
no limite da irracionalidade.

Aculturado em ocidentes  
desnaturo-me na objetividade  
do sujeito.

Sou desejo  
paixão  
e medo: meço palavras  
e deixo os olhos perscrutarem  
em volta. Olho a indecisão  
do corpo em delírio.

Acham que minto a irrelevância  
- como proteção  
e abrigo –  
do ato: não acreditam no meu ceticismo.

Amanheço dias intermináveis  
em que me escondo da verdade  
- abrigado busco desproteção –

unilateral no fato. É minha a inversão  
do ocaso assistido na imobilidade  
universal do que desconheço.

Agora  
sei  
da incompatibilidade na aversão  
desenvolvida  
em descontentamento.

Na inércia oferecida  
em recomeço  
penso  
em apelar  
aos deuses.

Agora é o depois  
assoberbado: esqueço  
a possibilidade  
da convivência.

Completo minha lista de desejos.  
Desejo minha esperança pelo tempo.  
Temporizo.

Faço o espaço entre o que quero  
e o desejo de me livrar.

A ardência sobe o braço posto  
em continência: a voz empresta  
minha incontinência ao obrigado.

Transponho a ideia da habitualidade.  
idealizo a transposição. Habito.

Penso o rosto diverso.  
Lembro você: como fomos antes  
de nos habituarmos  
em descumprimentos.

diversifico a face em outros lados.  
Na continuidade do dia  
desprezo a sequência.

Sou a alternatividade da procura.  
Pátria desconsiderada e mortalha  
anteposta no campo de batalha.

Garras estendidas.  
Guerras distendidas na fragilidade  
dos armistícios: corpo na extensão  
do campo. A sombra  
inutilizada  
da árvore. A poesia  
dispersa animais residentes  
na impressão ilusória da sobrevivência.

Estendo os braços ao horizonte  
no recolher poentes.

Rompo o indissolúvel  
em partes  
desiguais. Calo vozes desacertadas  
em letras desiguais.

Tenho o silêncio desguarnecido  
das esquivas e aciono o sinal  
de pare. Comparo objetos  
pelos preços e destinações.

Sirvo senhores pagadores  
das conversas prometidas  
no significado. Sou futuro  
despretensioso e adjetivado.

Noite começada à revelia:

andar descansa pés  
desacostumados ao trajeto:

volto os primeiros passos  
e retenho a distância.

Não permito ao tempo  
sua inexistência.

Obrigado  
em confronto calo a arma  
empunhada: minha a brancura  
da bandeira na deposição da noite.

Amanhece no sono  
- depositado no corpo  
inerte.

Pergunto pelo sorriso  
responde gritos

solcito notícias  
apronta os ponteiros do relógio

avio a receita  
prescreve dores.

Pergunto pelo seguinte  
cobra anteriores.

Solcito imagens: demonstra sons  
ininteligíveis. Na borda do vulcão  
sustenta a inevitabilidade  
do desastre.

Tenho marcas do castigo  
ameaçado ao carrasco: olhos  
diagramam outro mundo:

silencio respostas enforcadas  
em teorias  
e teoremas.

Uso palavras de baixo calão:

porque me repito em suspeitas  
sobre palavras recolhidas  
em lixos. Nada me acontece  
na indeterminação do caos.

Conserto probabilidades  
afixadas em meteoros. O urro dos motores  
propulsionados no espaço: a escuridão  
materializa a inconstância no desconhecido.

Som não propagado  
atravesso vazios:

conheço a interioridade  
do problema e a resolução  
decorre oportunidades.

Imagino: ao meu lado transito  
passos em passos. Desprezo  
a universalidade paralela.

Basto-me na unidade  
em que não aconteço.

Meus sentidos captam a inexistência.

Você chama a minha atenção  
aos astros deslocados: imagino  
a infinitude  
em cada componente  
que me consome.

Ouçó falar do aquecimento  
degelado em terras fortuitas.

Estática.

O esteta é afogado deslumbrante.  
O navio em ancorado iceberg.  
O pássaro desprovido em migração.  
Meu irmão desaquecido  
em estrangeiras  
notícias de desacordos.

Ouçó dizer das águas acidificadas  
no copo vazio de consentimentos.

Permaneço na completeza  
da hora concedida pelo milagre  
não acontecido: sexo e sensualidade.

O ofício compõe a derradeira  
história mal contada.

Tenho você nos braços  
enquanto a indeterminação  
temporal me cativa  
na existência: carcomido  
em oxidações tenho o corpo  
destituído da sobrevivência.

Resido na totalidade da hora  
conservada na inutilidade  
da consciência.





SILENCIAR

*(Fotografia/Júlia Du Bois /2015)*



Sou parte do silêncio

na repetição  
e no esvaziar da luta.

A permuta da ação  
pela inércia.

O braço pendido ao corpo  
enfrenta calado o oposto. Sou  
a totalidade perdida do complemento  
em atos de banalidade. O afastar  
dispensado à imagem. A coragem.

O infinito desprazer substitui  
a racionalidade  
pelo avesso. A mortalidade expõe  
infantis deslembranças no atávico  
discurso recusado como prova.

Sou a provação do doce  
na iniciação  
da providência: doença  
e castigo.

O andarilho despreocupado  
com a chegada.

Na concomitância esfrego  
as mãos em contentamento  
e o suor é o medo  
dos que se retiram após  
a ausência. A permanente  
ofensiva das vozes dissonantes  
no conhecer da pedra  
a inconstância em permanência.

Na repetição silencio  
a oportunidade de me fazer calado.

Sou a omissão do novo.  
O barulho da rua. E a dor no peito.

(O que abstraio diuturnamente  
do que junto no chão).

A quietude resguarda o dia  
da apresentação da palavra (insignificante).

Luzes acesas geram obviedades.  
O claro e escuro convém ao fato.

Distribuo ordens mesmerizadas  
e me científico da propriedade: erro  
a latitude e ao ocidente oferto o silêncio.

Apago as luzes na predisposição  
do estado de espírito discursar  
em letras garrafais verdades  
inerentes e não sabidas. Concebo.

O mito me alimenta na crença  
antropomórfica deslizada  
entre meios. Medo.

A desconfiança adianta  
palavras em sussurros.

O temor do entendimento  
é meia palavra ressentida.

Silêncio.

Concordância silenciosa. Busco  
a confirmação nos olhos. Deixo  
a mão no conforto do toque.

Silencio a obviedade  
gritante na necessária  
concordância.

Desejo no objeto a configuração  
do que conheço no transitar  
ideias e idealizo a insegurança  
em provações.

Digo apenas o necessário  
no reservar complementos e aditivos  
e residir ruas de sobriedade.

Verbalizo a dor  
no sorrir acontecimentos  
de ocasião ao me desvencilhar  
em pedras. Após  
a necessidade amainada  
recoo em silêncio. Nada  
digo de objeções  
e métodos irrefletidos.  
Minto os olhos ao solo.

Em boca fechada revoam moscas  
a transmitir ideias não verbalizadas.  
A oportunidade se desfaz na contenção  
do gesto. O oportuno vivencia  
o atraso em redundâncias.

A especialidade aflorada  
no que é retirado do esteta.

Gentil pessoa ofereço préstimos  
em módicas prestações. A elegância  
sustenta a figura imóvel na cadeira  
com palha em estofo. O sorriso  
permanentemente fixado restitui  
o degredo ao príncipe.

Gentilmente  
me ofereço voluntário  
na luta contra os princípios  
do mal que assolam a matéria.

Em petição de miséria a oferta  
se ampara na contrariedade.

É cedo para dizer  
algo em contrário.

A palavra de difícil pronúncia  
não se populariza. Elevada em elites  
repousa no anonimato  
do dicionário: hiberna.

Alguém descobre seu sinônimo  
e se aproxima na vertigem  
da utilização de quem em silêncio  
se protege. A pronúncia soa  
indiferente no linguajar materno  
que não interessa.

Troco o som em silêncio resguardado  
da possível angústia no pronunciar  
inicial da ideia. Transcrevo.

Ritualizo a fala no desapego  
remontado do vocábulo.

Reinvento a palavra.  
O silêncio se recusa à fala.  
O som não se altera.  
Alitero a estrofe em desconhecimento.

Não me ofende o silenciar compreendido  
na particularidade do consentimento.

O uso da forma negativa  
da intenção ofende.

O silêncio se rende  
no despropósito e o grito  
escapa ao controle.

Compreendo o esvaziar  
do som em companheiro  
abismo. Ou abuso.

Fácil descrever o ato. Trocar palavras.  
Dialogar. Expor razões e medos.  
Arremedar o dito pelo não dito.  
Desculpar o verso declamado.

Fácil oferecer preço pelo descaso  
e do silêncio cobrar a imponência.



Amor a ser revelado.

Verbo.

A inconstância no inverso.

Inverno.

Caladas horas de reencontros:  
corpo colado ao corpo.

Revelação amorosa.

Advérbio.

Na incontinência do degedo  
segrego humores: o lado  
resiste ao reverso. O corpo  
esquenta em silêncio.

Ouçõ dizer da flor o estame  
inflexível em sobrevivências.

Recrio o engodo  
com que me divertia  
enquanto criança.

Mimetizo a possibilidade  
da ingerência. Na flor  
exposta conserto a água  
fluída ao pote. Congelo  
palavras em desditas  
na recriação feito necessidade.

A conversa proveitosa em provérbios  
na escalação de termos submersos.

Paradoxo  
diz o pai da criança  
imbuída em sonho: o silêncio  
responde ao eco aproveitado  
em ângulos. Nenhuma palavra  
hesita sua terminologia  
ao acidente: o dicionário  
resguardado em sinais  
percebidos no passar do tempo.

.  
Oposto: ao falar sobre o tema  
retenho o som. Gesticulo.

Mostro em desenhos  
a linha do raciocínio.

Na omissão a voz  
recompõe o cerco ao tema  
inaudito: percebo a intromissão  
do espaço no espacejamento  
e no esquecimento não  
desdobro frases afeitas.

Ofereço calada expectativa  
e incerteza. Esvaído eco lamenta  
a distância. O espaço desprovido  
do consolo. Aconselhado no recolhimento  
aceito votos e me distribuo na violência  
da palavra possuída na paz antecedente  
ao despropósito da significação. Átimo  
percorrido indefeso. Nada ofereço  
em espirais na percepção do vazio.

Não sofro a indiferença silenciosa  
das desavenças. Esfrio a cordialidade  
e me desfaço em matéria subatômica.

Silenciar envolve recriar  
sujeitos em gestos.

Comparo a história  
com a lenda  
e retorno em acasos: o silêncio  
repercute acusações  
desmotivadas na obviedade  
da resposta.

No oferecimento da prova dedilho  
sons: opacas ocasiões de músicas  
desfeitas em tons. O som imaginado  
no sacrifício do grito aprisionado  
em altares.

Realço a voz  
em duplicados haveres. Certas vezes  
dependo do ar atravessado  
em árvores. Outras são avessos  
trajetos de folhas recaídas  
na solidão do silêncio.

Meus planos emudecem  
e nada faço em esquecimento.

Aos que me perguntam  
aceno  
giro  
congelo a imagem.

Quando estudam reproduções  
ouvem no silêncio  
a resposta.

O som é espaço  
impreciso  
na trajetória: ar revolvido.

A revolução ignora  
o sentido da perda.

A maneira desdiz  
o modo. O fato  
desmente o ato.

No espaço oferecido nada digo  
de amores e dores de cabeça.

Oponho ao verbo a reflexão. Reflito  
de dentro para fora. Regateio.

A fragilidade reprova  
o sentido na simplicidade  
do que foi dito  
do que é dito  
do que não será dito popular.

A palavra une o sentido  
no escritor. O orador se desmancha  
em sinônimos. O texto sofre  
modificações consentâneas  
em reverso. O desenho obriga  
o interlocutor ao compromisso  
da decifração. O silêncio abrange  
a inconsciência e se desmancha  
no primeiro ai impublicável.

Não me mantenho  
na ponta da língua.

Dias sucedâneos permitem  
a recriação no replantio  
da caça.

O quebra-cabeças  
origina a necessidade transversa  
da descontinuidade. A fatuidade  
requer o desconsolo do som  
em dias ultrapassados.

Na discordância o evitado  
se repete em relógios  
condicionados ao espaço.

Silencio o contemporâneo  
em repetições e farsas.

Nenhuma resposta traz curiosidade  
sobre a vida. Olhos e mãos  
recriam álbis.

A expressão expõe o pecado  
na absolvição do gosto.

Ao silêncio compreendido  
em responsabilidade  
respondem pássaros  
na busca da realidade.

A antecipação da sentença diz  
do crime o castigo. Testemunho.

Revejo a cena em fantasmas  
de negociação e trajeto.

Entre grades reconheço o lado  
exteriorizado. Jogo ao solo  
o corpo.

A sentença reconhece o drama  
no sofrimento.

Readapto o som ao mínimo  
audível no diminuir a cadência  
e retirar o ritmo. Quem passa  
em sucessivas viagens  
retorna  
em silêncio. Nada digo  
do motivo.

Chego e pergunto  
sobre os de casa. Repito  
gestos à porta.

Esmurro o reconhecimento  
e me digo traído pela indolência.

Recebo condolências e meus olhos  
miram o corpo no silêncio  
constrangedor da permanência.

Em desacordo proponho  
a igualdade na indiferença.

Afogar-me na imensidão  
das águas  
na recusa da mão  
que passa em barco  
restrito. Desacordo  
restante do conhecimento.

Avisto na impropriedade  
o calar do amante  
abandonado ao corpo.

.  
O fingimento demonstra a sensibilidade  
comprovada do egoísmo. Sou  
outro sem gestar  
palavras. No silêncio  
reencontro a ociosidade decorrida  
nas páginas numeradas em marcações.

Necessário ao convencimento  
minhas mãos cobrem a boca  
com ameaças.



Desnecessário que o ato  
(passado) permaneça  
ilicitude. Transportado  
ao presente (versões)  
não se configura anômalo  
e acéfalo. O fato não diz  
da vicissitude  
nem transborda  
palavras.

O grito flutua  
espaços percorridos  
na medida da inconsciência

o corpo queda silêncios.

Amanheço ouvindo ruas  
desabaladas em águas decorrentes.

Mulheres em filhos  
pais em trabalhos  
filhos sozinhos.

Não ouço bons dias.  
Não escuto adeuses.

Dias (são assim)  
calados em tardios  
anoiteceres.

A casa recusa a novidade  
conserva vícios desabitados:

o espelho converge  
reflexos imediatos.

Presente: calo a significância  
do extremo. Sou próximo  
do silêncio.

As vozes dizem dos futuros.  
Temporizam.  
Exemplificam doações e cobranças.  
Letra a letra soletram repetições.

Silenciam a criança  
no recriar imagens  
e sons.

Sou encontrado acaso: não  
respondo procedências  
prevalências  
prevalcimentos.

Omito presenças  
e minha ausência  
é oposta descoberta:

despido das palavras  
sou desconsiderado  
em significâncias.  
Alcochodadas paredes desfazem o mistério  
da aparência no ignorar a impossibilidade.  
Olhos.

Mãos imobilizadas  
tensionam. A boca  
fechada em sons  
anterioriza  
o costume  
ao silêncio.

O que digo ressoa futuros  
aspectos de desencontros.

Som disperso.

O silêncio transcende  
a distância e instala  
impossibilidades.

Som guarnecido na oportunidade  
: brechas em portas encerradas.

Não correspondo ao chamado. Fechado  
em arcas repletas de suspeitas  
redescubro a desimportância.

O silêncio resguarda o passado.  
A vontade retruca mímicas palavras.  
A boca se ocupa entre dentes.

O chamado encerrado  
em despedidas. Olhos vislumbram  
nuvens ao se ausentarem em chuvas.

Apenas o dia seguinte  
de meses conseguidos  
nos anos distribuídos em que a tosse  
realimenta o corpo em espasmos. A vociferação  
da igualdade esconde ímpares personagens.

Apenas a visão obstruída  
no movimento das mãos.

Relem meu direito  
de permanecer calado  
ameaçam usar  
minha palavra  
na formalidade da acusação  
colocam medo em meus gestos.

Gesticulam o crime acometido  
na indelicadeza do remorso.  
Talvez estejam certos nas ponderações  
e reste a mim orações diurnas  
e o sono ruim.

Nem sempre acordar é permissão  
para a realidade. Estou ciente  
do objeto suspenso no indivisível.

Dormir tem a consistência do arame  
flexionado na palavra reescrita.

Nem sempre o silêncio significa gritar  
a procedência da história. Muitas noites  
consomem a inquietude extravasada  
em ideias (então) desconsideradas.

A busca. Vez e voz a dizerem  
inverdades. Criação mítica no desrespeito  
para com a mãe e pai. Ira. Raiva.

Rompo amarras em gritos  
ao horizonte. Arriscado no infundo  
conheço o valor do silêncio. A inconsistência  
na veracidade do reencontro.

O pedido de socorro ressoa solidariedade  
na ausência. A complexidade processual  
espaça o necessário. Grito emudecido em pranto.  
Ouço a voz da mãe pelo filho

imperdível. Escuto o som  
pela porta entreaberta. A saída  
silencia opostos em despedida.

Mal espero a hora (recriada)  
no me projetar em palavreado  
escuso. Não desculpo gramáticas  
atropeladas. Observo dizeres na rapidez  
da consciência. Minha pressa desdiz  
a fatuidade. Ocasiono a aspereza  
dos dizeres. Gero brigas  
em acessos de raiva.

Calo reentrâncias no alisar a parede.  
Desenho minotauros na amplificação  
dos sons repreendidos na diversidade.

.  
Mito na descrição  
do mundo. A não criatura perdida  
em conversões diversas: desgosto.

A profecia irrealizável  
é tábua descontinuada  
na obviedade. Ética razão  
propositada  
no desafio  
do silêncio.

A discordância de elementos  
desfigurados na imprecisa  
voz desfeita aos poucos.

(Essa) lâmpada permanentemente acesa  
revela (aquelas) imagens desproporcionadas  
no corpo (este) de quem sente o impacto:

vozes entrecruzam  
lâminas. O dia anterior  
permite a deslembração  
onde o hoje  
é permanência (o desprovir  
da fome no descoser da roupa  
desfeita na impropriedade).

Ao alto mãos  
interpretam  
a vontade. O ladrão ofende  
o corpo curvado na impossibilidade  
da vontade. A ocasião transfigura  
a oportunidade. O remorso atrasa.  
O despropósito vive de revelar  
o preço irrisório. Silêncio  
a vergonha pendente em abraços  
não ofertados. O ladrão relewa  
a imprudência e me chama  
otário.

Pouco mais que antes  
a metade  
conduz o final  
na proximidade.

O reencontro

entre as pontas  
de nós apertados  
no círculo dimensionado.

O vazio estabelece a entrada  
e a saída. Muito além da solicitude  
residem acobertadas  
palavras não explícitas.

Não falo dos sonhos. Durmo  
a justeza elevada ao cansaço.

Esvaziado espaço reflete  
o não acontecido. Mantenho  
a realidade sob controle  
do desfazimento. Em utópica  
disfunção a fala realimenta  
o impossível.

Aposto a determinação  
com que vim ao mundo. Extremos  
opostos reagem ao acontecido.  
Fujo do compromisso exteriorizado  
em medo. A reconquista ressoa  
a estranheza no desacordo.



Vim ao mundo na confluência  
da naturalidade com que meu choro  
substitui o silêncio interior.

Após o início repito metades  
inconclusas. Recluso  
recebo a provável  
exteriorização do possível.

Em seguimentos nenhuma palavra  
basta ao entendimento.

O silêncio é totalidade  
na recusa. O revoar  
do pássaro exerce o som  
de ir embora. Embora  
tenha me ausentado

permaneço no silêncio  
do esboço.

Sorriso em dentes: a palavra  
assustada na desdita.  
Ver a imagem avantajada  
no agouro. Ver a semelhança  
entre partes desiguais.

Nada digo. Do oportuno vezo  
rezam antigas línguas  
em trapos.

(Para ser diferente:

ele salta pela janela  
ela abre o gás.

Ilações nem sempre se vangloriam  
do absurdo. A similitude termina  
ao incorporar os erros.

Apenas o silêncio iguala).

Conta

agora  
o acontecido em anos  
repetidos: venda os olhos  
no despropósito e se diz linguagem  
serviçal  
do mundo. Descreve imundícies  
ao se fazer presente  
no que não se defende.

Por isso e aquilo

pelo tanto: ensaia generalidades  
e se sustenta em profundas letras  
ante a plateia.

Não  
adjetiva  
não crítica

não opõe o certo ao erro. Ilude  
a contradição em aproximações  
e beijos. O silêncio  
se ausenta por instantes.

O feiticeiro da tribo (nada diz)  
retira do espaço o incômodo  
e o replanta em funda terra  
encarregada do regresso.

Palavras brotam  
afogadas na realidade.

Do alto da árvore  
observa o feiticeiro (sem dizer  
palavra) a ritualização do início  
em secos galhos desprovidos  
da necessidade.

Responder é arremeter o som  
na descrição inventada nos detalhes.  
Amealhar provocações.

O jornal ressecado rasga folhas no desacerto  
passado. A nota de pé na página reconta  
dedos adiante da boca.

Sem respostas a dúvida arrefece.

Entre paredes ausculta o teto: escuta  
passadiços envolvimentos. Tem a música  
indolente em pedaços ofertados.

O piso ressoa a necessidade  
do encaminhar  
o fato  
em despropósito: a roupa condiciona  
esperas  
em desconcertados abrigos  
de única hora. Paredes oferecem  
o bastante do silêncio  
ressoadado em espaços.

	<b>2ª. Parte</b>
--	------------------

Vezes em que a palavra  
evoca o tema na proibição  
exteriorizada no silêncio.

O que não é dito  
se reserva ao impacto  
de me guardar ao convívio.

O arremedo do relacionamento trança  
sinais codificados na extrema forma do desinformado.

Posiciono o embate no desgaste  
da naturalidade. Exerço o impossível  
em detalhes. Acondiciono textos.

Duvido da eficácia  
das tentações: homilio  
o desprazer no desconhecimento.

Ao testar as probabilidades  
reconheço no silêncio o sustento.

O silêncio envolve sentimentos.  
Nada aproxima as distâncias  
apropriadas em calar  
palavras: amores consomem  
na incerteza a presença  
adquirida no espaço. Sinto  
a inconsistência da memória  
no vazio apropriado. Imensa  
adjetivação de corpos isolados  
em reencontros desprovidos.

Meus gritos respondem segredos  
que aos gritos aceno silêncios  
aos gritos escondo cismas  
aos gritos desprendo do som  
a inteireza.

Afogo a dor em murmúrios.  
Silêncio a oportunidade  
de me dizer presente

aos gritos.

Minha voz  
desatenta furor nos inimigos.

Evidencio a retidão de caráter  
na exposição malograda  
das linhas tortas. A certeza  
desencontrada nos andares  
dos pavimentos recriados  
em esdrúxula ordens  
de serviço. Meu é o silêncio  
necessário na continuidade  
de que nada represento.

Águas esquentam o corpo  
resfriado em vidas arbitrárias.

Líquido escorrido no ralo  
pela inquietude da voz  
pelo canto da sereia.

Ouçõ o som amplificado  
no carro parado em noites  
resfriadas. Mais nada.

No interrogatório ganho perguntas.

Nego com a cabeça.

Renego.

Calo.

Apanho.

Tenho respostas expostas

em ferimentos. Escalo

inverdades até retirarem

de mim a inconsciência

evidenciada em silêncio.

Sob a luz incendiada

da memória

relembro o indizível.

Soam alertas

de conversas anteriores.

Soletro o nome

e digo datas.

Nasço na completude

do desatino. Deixo silenciar

oportunas razões de sobrevivência.







# outros poemas

*(Fotografia / Júlia Du Bois / 2015)*



# ADEREÇOS

O adereço  
comprova a tese  
conheço você

seus engulhos amorosos  
destravam corpos  
no primeiro contato

sua boca rosa disposta  
ao beijo e impropérios

o colar o anel  
os brincos soltos ao vento  
no lamento do corpo pelo esforço

o começo no final da hora  
em que estrelas se escondem na luz solar  
no arremedo com que o adereço  
imita o par

# FUTURO

crianças enquadradas  
quadradas  
quebradas  
inebriadas em não descobertas

jogos mostram novas fases  
aos vencedores

na cela escura e em iluminados corredores  
crianças enjauladas em suas indefesas  
fortalezas

nada os separa dos medos  
e das raivas

estudar talvez aprender  
com certeza deduzir  
a torpeza com que traços  
marcam o caminho

# INFANTIS

Sofás adquirem voz e corpo  
dizem dos assentos  
os assentados

o guarda se transforma  
no cavalo  
e a nave voa  
ao espaço

inexplorado o tempo  
se repete  
ainda cedo  
tão verde

infantil o corpo se transfigura  
em fragmentadas imagens  
em que se sucedem vidas imaginadas

o sofá se resume ponto da voragem  
entrevista no futuro: o sofá é o mundo.

# *P*ROBLEMAS

Resolver problemas  
questionáveis  
do ponto de vista  
legal

processo instruído  
em minúcias  
de palavras  
oficializadas

inúteis questões  
primeiras  
no andamento  
do caso

onde estariam as singelas homenagens  
caracterizadas em prêmios e medalhas?

A resolução aponta o segredo  
e a justiça temporiza sua ânsia  
na última sentença.

# SUAS

Retira a palavra  
no silêncio dita reticências  
sai da sala levando a dúvida  
da pergunta  
e a irrealidade das apostas

no escuro tempo  
refaz as sombras

seus passos ausentam  
os compromissos

são irrespondíveis as vidas  
irresolúveis  
impermeáveis nos amores  
descoloridos das retinas

sua musa esconde  
segredos e a juventude  
finda.

# *H*AVERES

O frio em meu corpo  
externo exposto

universo angular  
de fortes ventos  
no ocaso  
e outono

não vejo etéreos anjos  
intercalados em falésias  
nos mares soturnos  
de azuis celestes

estreitos caminhos  
em espinhos e glórias  
maneira espúria  
onde alarmes disparam  
suas fúrias

serviços de épocas passadas  
ilusórias sensações perpassam  
a hora no circular  
dos atóis.



# AMANTES

Descobertas expõem  
inúmeras carcaças

ossos  
e peles

ao vento cabe trazer o gosto  
e gesto determinar a forma  
com que a chuva é vista  
ao longe

peles e ideias

a exposição sensível das angústias  
nas lágrimas  
e raivas incontinentes

são amantes  
e suas peles demonstram  
vontades.

## SEM PERDÃO

Perdão não concedido  
na mancha permanente  
entranhada no tecido

o pecado ultrapassa o razoável limite  
separador dos homens e das feras  
em inermes cérebros como receptáculos  
das maldades e horripilantes  
histórias contadas em partes

o desconforto no ato cometido: esgar  
de riso irônico: pânico estabelecido

abaixar as faces em contrição. Corpos  
repelem o castigo e luzes apagadas  
precedem intenções baratas de vinganças

no recôndito sabe da insuficiência no instante  
e o tempo rememorado esvazia a raiva  
onde guardados os espaços maiores.

# REVISTAR

Expõe sua glória  
recôndita história  
de memória

repete números  
em combinações  
e letras em arrumações

afirma o passado vivenciado  
esquecido das horas passadas

embrulha letras e números  
desconsidera a lembrança  
e retorna

seu passado revisto  
e arquivado.

# CORAÇÃO

O coração  
não percebe  
a racionalidade  
do ato

a prática desacelera o ímpeto  
e o transforma em máquina  
calculista

as estátuas derrubadas  
nas praças públicas  
tomadas por multidão  
em fúria

desconhece o coração  
a possibilidade de novos amores

conservador em batimentos  
nos mantêm  
vivos  
e ativos.



## ALGUMAS OBRAS DO AUTOR

### **Poesia**

Os Objetos e as Coisas

Seres

A Obra Nua

A Criação Estética

Marina em Poemas

Brevidades

Via Rápida

Iguais

Palavras Desenhadas

O Descrédito e o Vazio

Tânia

O Livro Infundável e outros poemas

Poemas

Construção do Gesto

Coleção de Palavras

Imagem & Reflexo

De Mãos Dadas

Tristeza e Mínimo e a Menor Parte

O Homem Despegado em Olhos

### **Contos**

Em Contos



Catálogo do Projeto Passo Fundo

[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



**Pedro Du Bois**, poeta e contista. Passo Fundo, RS, 1947. Residente em Balneário Camboriú, SC. Vencedor do 4º Prêmio Literário Livraria Asabeça, Poesia, com o livro *Os Objetos e as Coisas*, editado pela Scortecci Editora, SP. Participante do Projeto Passo Fundo.

<http://pedrodubois.blogspot.com>

